

BRASIL-PORTUGAL

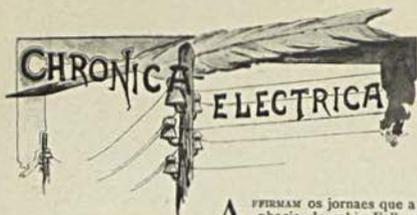
16 DE NOVEMBRO DE 1899

N.º 20

NO MINHO



A caminho da romaria



AFFIRMAM os jornaes que a propheta do sabio Falb se não realisou e que o mundo ainda não acabou, como muita gente parecia recear, com um tal amor pela vida, que chegava a fazer alijio.

Eu creio-o, porque os jornaes o dizem, e porque principalmente o *Seculo* o afirma, e o *Seculo* é um jornal muito bem informado.

Mas... no meu espirito levanta-se uma duvida.

Em que se basiam os jornaes para dizer que o mundo não acabou? Quem nos pode assegurar que não passámos d'esta para melhor? Não será morrer... dormir... sonhar, talvez?

O *Brasil-Portugal* sente-se *Hamlet* e reflecte no *ser ou não ser*.

E se o morrer é apenas dormir... sonhar talvez... não teremos todos morrido... e não estaremos todos sonhando... que a vida, a terra, tudo continua na mesma?

Eu bem sei que os jornaes que affirmam que o mundo não acabou é porque os *reporters* que foram tomar informações assim o souberam. Mas... não terão os *reporters* morrido... e não estarão dormindo... sonhando talvez... que o mundo não acabou?

Eu confesso-me perplexo.

Mas quer tenha acabado o mundo, quer não tenha, quer estejamos todos vivos, quer estejamos todos mortos... a dormir... a sonhar... talvez... o que é, para todos os effeitos, positivo... mesmo sonhando... é que tenho que fazer uma *Chronica Electrica*.

E se estou dormindo... sonhando, talvez... entrei pelos domínios do pezadello.

Ora esse Falb, que dizem todos ser um sabio, o que eu acredito, e que os jornaes affirmam ter-se enganado na sua propheta, o que eu não posso acreditar nem deixar de acreditar, pelas razões já expostas, esse Falb, o que tem é de um typo de excellente pessoa, como os leitores podem ver pela vera effigie que d'elle publicamos.

Esse homem é bom, por força; deve ter um excellente coração, ser muito amigo da familia, deve ser um bom cidadão, um bom paé, e deve ter sido um bom filho.

Mas mette-se muito nas vidas alheias

Sim... porque uma pessoa não se pode metter mais na vida d'outra, do que annunciando-lhe a morte.

E o sabio Falb annunciou a morte de toda a gente.

E muita gente teve tal medo de morrer... que se matou. Já é ser covarde!



Dr. Rodolpho Falb

Mas, visto que quer o mundo tenha acabado, quer não, eu tenho que fazer a *Chronica Electrica*, tratemos de ver o que esta quinzena nos deu de interessante.

A Sarah! A divina Sarah! a unica pessoa talvez capaz de fazer recolher a Lisboa toda a gente que jogava nas duzias e em cheio nas roletas de Cascaes.

A Sarah, a divina Sarah, foi ella quem livrou muita gente das consequências desastrosas d'uma nega de 33 ou d'um chorrilho de pencos.

Excellentes paes de familia que tinham passado o verão, e tentavam passar o inverno, a cavallo no 23 e 26, carinhosos maridos que teimavam nos *grandes* contra os chorrilhos dos *pequenos*, delicadas damas que palpitavam o zero em seguida ao 32, não resistiram quando lhes acenaram com a Sarah no *Hamlet*, com a Sarah na *Dama das Camélias*, enfim, com a Sarah, a divina Sarah, em scena.

E abalaram para Lisboa.

E o 23 sahio quatro vezes, e os *grandes* deram um chorrilho de quinze, e o zero sahio sempre depois do 32.

Mas se todos elles vieram para Lisboa, a roleta não foi esquecida, e a gente ao entrar no D. Amelia, julga, no primeiro momento, que entrou no Casino do Estoril.

São quasi todas as mesmas pessoas.

A todo o momento espera a gente ouvir annunciar um *grande* ou um numero, e se por acaso em scena se fala n'um algarismo, espera-se sempre ouvir uma delicada voz de mulher, ou uma voz forte de homem, pronunciar o consagrado: — *C'est-à-moi!*

Infelizmente a chronica nem sempre encontra nos assumptos da quinzena motivos apenas para rir, e a impressão divertida do regresso dos *dependados* de Cascaes cede o logar a uma impressão pungentissima de dôr e de anciedade.

Quando, na primeira noite da Sarah, todos vibravam de entusiasmo com o talento da grande actriz, quando se trocavam as impressões das ultimas partes de Sporting, appareceu a noticia de que o dr. Camara Pestana, o bacteriologista illustre, pouco depois do seu regresso a Lisboa fôra atacado pela peste bubonica, pela doença terrivel que elle em missão perigosa fôra estudar ao Porto.

A impressão fôo dolorosissima!

E, vejamos, como os homens do valor, da dedicação pela ciencia, da coragem no dever, como o dr. Pestana, occupam tanto o espirito de toda a gente, que ao receber-se essa noticia, todos sentiram a dolorosa tristeza do estado grave do illustre homem de ciencia, antes do natural receio dos resultados desastrosos de um caso de peste em Lisboa, e da sua possivel propagação.

Camara Pestana tinha-se imposto ultimamente aos homens de ciencia pelos trabalhos notabilissimos a que tem procedido, pelas manifestações brilhantissimas do seu talento, — e a toda a gente pela dedicação, pela coragem, pelo desinteresse da propria vida, com que trabalhou para, descobrindo os segredos da terrivel doença, esclarecer a ciencia e beneficiar a humanidade.

O estado do dr. Camara Pestana é gravissimo, e a todo o momento se receia um fatal desenlace.

Que Deus lhe conserve a vida, para gloria da Ciencia e bem da Humanidade.

Brasil-Portugal.



Liga dos Estudantes Brasileiros em Portugal

Da Liga dos Estudantes Brasileiros, que nos fez a honra de escolher a nossa Revista para seu orgão em Portugal, recebemos a penhorante carta que em seguida publicamos.

Aos intelligentes rapazes que formam esse sympathico grupo, agradecemos profundamente impressionados a captivante manifestação e as agradabilissimas palavras que consagram a um dos directores d'esta illustração o sr. Augusto de Castilho.

Segue a carta:

Senhores: Os estudantes brasileiros, que actualmente cursam a Universidade de Coimbra, reunidos hontem em festa commemorativa do movimento de 15 de Novembro, e celebrando o primeiro anniversario da fundação da «Liga dos Estudantes Brasileiros em Portugal» resolveram officiar a V. saudando-os e agradecendo-lhes os prestimosos serviços, por V. prestados á patria brasileira. Muito especialmente agradecemos o captivante offerecimento da conceituada revista *Brasil-Portugal* para orgão official da sua aggrégation, prometendo desde já, para este novo anno, uma mais vasta collaboração.

Não se esqueceram tambem de que entre os redactores d'essa Revista figura o nome de Augusto de Castilho, nome sempre venerando para brasileiros, porquanto se encontra ligado, e pela forma mais penhorante, a factos, bem para lamentar, da nossa historia contemporanea.

Ao senhor Augusto de Castilho e a V. , pois, o nosso saudar. Deus guarde a V.

Coimbra, aos 16 de Novembro de 1899.

Pelos estudantes brasileiros — Antonio da Gama, presidente.

Senhores Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares — Lisboa.



HOSPITAL DE RILHAFOLLES

Civilização e assistência dos alienados



Dr. Miguel Bombarida
DIRECTOR

N'esse longo periodo de trevas que vem desde a ruina do velho imperio romano até a renascença da sciencia, que é quasi dos nossos dias, o pensamento do homem viveu como assombrado em sinistra catalepsia. Espontaneidade, vigor, curiosidade, espirito scientifico de indagação, tudo se perdeu, e as mesmas conquistas gloriosas d'uma civilização extincta não logravam sahir do limbo onde se esterilizaram por seculos que se diriam sem fim. O homem entorpeceia-se, do-

modo ao que para elle se mascarava de dominio extra-terrestre, e aquillo que é a sua nobreza, como a forte justificação da vida, o vôo do pensamento, esmagava-se de encontro ás paredes do que era mais que sepulchro, porque era o sepulchro d'um vivo.

Longas dôres soffreu a humanidade, porque não caminhou; mais cruciantes porém foram aquellas que padeceu porque velhas e fecundas aquisições scientificas, que eram rasgos de genio, jaziam sepultas na inconsciencia das raças. O credensimo exuberava em seu logar.

Quinhentos annos antes de Christo, o medico mais eminente que nunca se ergueu na historia soubera conhecer a loucura. N'uma profundidade de exame, que antes lembra uma intuição genial, tão escassos eram os approxos das gerações precedentes, Hippocrates viu

na ansiosa lamentação do melancolico, na furiosa agitação do maniaco, os symptomas de uma doença physica, de uma doença do cerebro. A loucura foi arrancada das mãos do sacerdote; os exorcismos e conjurações soterraram-se, e a medicina tomou para seu franco dominio as doenças mentaes, que não mais careceram de luz diversa da que illuminava as outras molestias do organismo.

Esta noção tão legitima, tão scientifica, tão despreocupada, só ha um seculo começou a resurgir na consciencia da humanidade. No intervallo, que interminaveis seculos de obcecção, e, tristes de nos! que medonho martyrologio de doidos! A sciencia psychiatrica de Hippocrates afundára-se em oceano de olvido e as credencias populares alcavam-se, vigorosas e praticas como nunca, ao sopro de ideas religiosas que, transbordando de paz e de amor, arremessavam o louco á sanha do medo e da ignorancia. O Novo Testamento denunciára a loucura como possessão demoniaca; e os evangelhos, especialmente o de S. Marcos, enchiam-se de historias milagrosas em que se representava Christo esconjurando o demonio e escorçando o corpo de que se apossára: «2

E ao sahir Jesus da barca, veio logo a elle dos sepulchros um homem possesso do espirito immundo. 3 O qual tinha nos sepulchros o seu domicilio, e nem com cadeias o podia já alguém suster preso: 8 Porque Jesus lhe dizia: Espirito immundo, sae d'esse homem. 15 E vão ter com Jesus: e veem ao que tinha sido vexado do demonio scntado, e vestido e em seu perfeito juizo: e tiveram medo. (S. Marc. IV).

Até muito áquem dos alvôres da sciencia moderna, domina a



Pateo interior

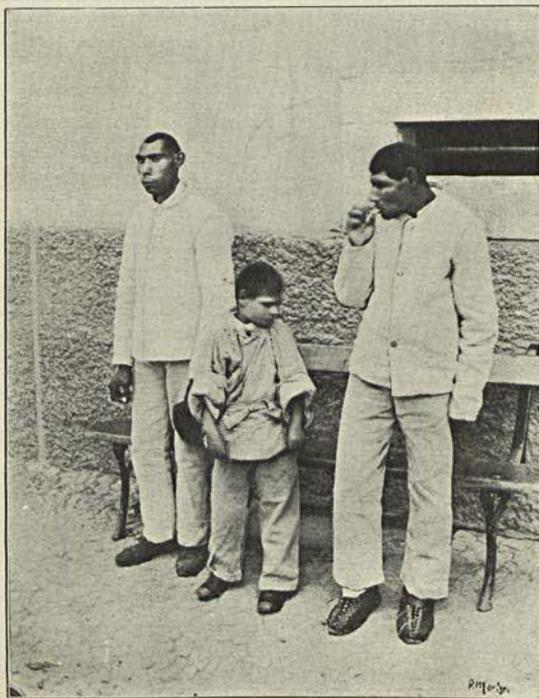
crença no demonio e na possessão, e as mesmas doenças mentaes guardam-se dos europeus que o meio supersticioso pinguemente lhes facilita. Epidemias de demonolatria expandem-se um pouco por toda a parte durante a idade media. A medicina da alma alheia-se da medicina do corpo e a singella observação da loucura é abandonada dos medicos. Recorre-se a esconjuros e exorcismos, applicam-se maerações e supplicios, acaba-se pelo algôz e pelas chammas. Só no

districto de Como, na Lombardia, morrem nas fogueiras accendidas pelos frades dominicanos para cima de mil pessoas, mulheres quasi todas, que altamente proclamavam o commercio carnal que entretinham com o diabo. No Languedoc, em 1577, andam por 400 os demonolatrias que o senado de Tolosa condemna a serem queimados vivos. No principado de Trèves, executam-se em poucos annos 6500 doidos, que no delirio do seu mal bertavam estar embruxados.

Que indelevel rasto nos tempos não deve ter deixado essa extranha preocupação que por seculos vegetou luxuriante no espirito popular, que torrentos caudales de sangue vinham fertilisar.

Esse rasto começa hoje a esbater-se; começa apenas, que ainda o descobrimos na universal repugnancia que o doido inspira. Não é a compaixão pela desgraça nem o confrangimento perante a miseria dos que soffrem; é mais alguma coisa: é um mal estar indefinido, um mixto de horror e indignação, de pavor e colera, que quasi leva a renegar do nosso irmão e a condemnal-o pelo que desmente do destino e da grandeza da natureza humana.

Não é pura a piedade que chora no coração; é



Os microcephalos

uma piedade que mais que outra se tinge de egoísmo e como nenhuma outra se ensombra d'uma repulsão, que não ha males physicos, sordidos espectaculos, exhalações infectas, capazes de despertar. O desgraçado que se desfaz em materias asquerosas, que se contorce em dores impiacaveis, que impudicamente escancara nauseantes putrilagens, paga o dô e a compaixão, os cuidados e as dedicações, com o reconhecimento d'alma que é o consolo dos sacrificios e a recompensa das dedicações. O miseravel que na violencia da sua furia não distingue sequer o interesse que inspira, que ás palavras de consolação re. pudia com insultos e brutalidades, que a toda a tentativa carinhosa esbofeteia com ferina ingratição, esse faz seccar todas as fontes do affecto e da sympathia que do coração possam brotar. O amor platónico, mudificado do mais apagado laivo de egoísmo, não é d'este mundo.

É preciso uma grandeza d'alma que quasi está fora da humanidade para que instinctiva repulsão não venha poluir a onda de commiseração em que se querria abraçar aquella hedionda desgraça que é a alienação mental. Ou então que no espirito viva, enraizada como um habito de todos os dias, esta concepção dominadora: que a loucura e uma doença. Mas a he-



Os melancolicos

vam a assistência dos alienados, já finalmente a maravilhosa propaganda de miss Dorothea Dix comunicara tal impulso ao seu paiz que de um salto elle se lançara na vanguarda de todas as nações europeas, — e ainda nos empilhavamos doidos em escuro recanto do hospital de S. José e as devotas administrações gravemente sentenciavam novenas de palmatoadas para castigo dos mais baliçosos ou dos mais maus.

É preciso chegar ao meado do seculo actual, por 49, para se sentir que a alienação mental implica um problema de tratamento e que os alienados merecem socorro como os outros doentes.

Adaptou-se um convento e fez-se um hospital: foi Bilhafolles, fructo da rapida decisão d'um estadista illustre, o marechal Saldanha, cujo nome lhe será sempre vinculado. Mais trinta annos e levanta-se o conde de Ferreira, exemplo unico, n'este paiz, da benemerencia de um particular. Alguns lustros ainda e amplia-se, accia-se, melhora-se, o hospital de Bilhafolles, mercê da bella iniciativa do ministro José Dias Ferreira, ao depois sustentada pelos conselheiros que se lhe seguiram na pasta do reino — João Franco Castello Branco e José Luciano de Castro.

Mas como tudo isto é pouco!

Na Alemanha, onde ha manicomos que occupam centenas de hectares de terreno, Alt-Scherbitz, por exemplo, existem 112 hospitaes publicos de doidos abrangendo uma população de 55.877 doentes.

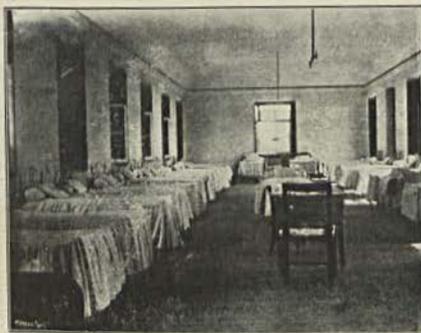
Em Portugal apenas 2 hospitaes e não vão além de 1.160 os alienados em tratamento. Deveria haver, em proporção das populações, 14 estabelecimentos d'aquelles com uma população de 5.500 doentes.

São portanto aos milhares, e já fóra calculado em muito mais pelo malgrado Antonio Maria de Senna, os doidos que se não podem socorrer. Por onde param? Vagueiam ahi por montes e valles, enclurram-se pelas cadeias, acorrentam-se pelos desvãos das habitações, encurralam-se ate pelas côrtes dos porcos.

É authentico.

Ja se tinha visto o imundo animal servir de refugio ao espirito maligno rechassado do corpo do homem; em S. Marcos, por exemplo. Mas transformarse n'elle o proprio ser humano, é novo e original.

Pois e nosso, ai de nós!



Interior de uma enfermaria

rança de seculos que são a vergonha da humanidade ainda não permitte francamente que esse possante foco de luz, que é a sciencia, consiga vencer esta triste amblyopia, que é a caridade do coração.

É por isso lambem que só os povos mais intelligentes, mais instruidos, mais penetrados de saber, teem acudido com tenaz energia a valer aos alienados. A civilização de um povo afere-se pela importancia da sua assistência manicomial. E desde a China, onde se desluto como na antiga Roma, resolve difficuldades, ate á America, Alemanha ou Inglaterra, onde a hospitalisação dos alienados é farta, rica, confortavel, mesmo luxuosa, que infinidade de gradações....

Portugal occupa precisamente o logar da sua civilização.

Já Pinel e Conolly haviam desde muito despedaçado os grilhões dos loucos, já a psychiatria se levantára a toda a altura de uma sciencia de observação, já construcções vastas e sumptuosas se consagra-



Dr. Bombará no seu atelier (Ao lado o retrato do marechal Saldanha)

MIGUEL BOMBARÁ.

Uma visita a Rilhafolles

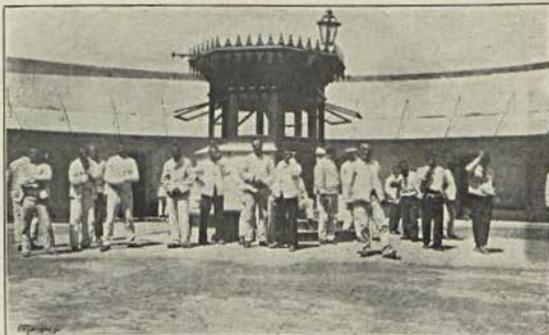
O quartel é aqui, mas o regimento anda lá por fora — respondeu aqui ha tempos judiciosamente um doido a uma pergunta que lhe fizeram dentro do hospital, onde nos levou a semana passada o desejo de offerecer aos leitores d'esta Revista algumas paginas interessantes.

É lá o quartel sem duvida, mas por essas ruas, por essas casas, por esses cafés, com quantos exemplares topamos a cada passo que mais parecem terem deixado vago o logar no velho edificio que abriga uma das mais pungentes e curiosas feições da Miséria Humana!

É preciso acrescentar, primeiro que tudo, que Rilhafolles não se parece nada com o que era antes da direcção do dr. Miguel Bombarda, a quem aproveitamos o ensejo de agradecer todas as gentilezas e deferencias que, durante a nossa visita ao seu hospital, nos dispensou. É injusto seria não começar por bem pôr em relevo a feição carinhosa e humanitaria que no exercicio das suas melindrosas funcções caracterisa o director do hospital, todo dedicado aos seus pobres doentes, n'uma tal effusão de complacencia e de bondade, que vimos muitos d'elles vir ao seu encontro com palavras agradecidas e ternas: "Meu bom director. Meu querido amigo, meu unico amigo".

E o dr. Bombarda sorri para todos, vae ordenando aos enfermeiros que os desejos mais rasos vae d'este ou d'aquelle sejam de prompto cumpridos, acarcia-os, escuta-os com uma attenção que talvez se obtinha a prestar a muita gente de juizo, segue com os doídos á risca, aquelle preceito de rhetorica que nos ensinaram em pequenos: "A resposta deve ser sempre em harmonia com a pergunta.", e de tal maneira emfim se identifica humanitariamente com a profissão que exerce, que os loucos nos períodos lucidos da sua cegueira mental, nas trevas da allucinação, hão de reconhecer e sentir que têm com effeito n'esse illustre medico o "seu bom director, o seu querido amigo."

Está longe, bem longe o hospital de Rilhafolles de ser o que são os grandes internatos de alienados, que o dr. Bombarda visitou na sua ultima excursão scientifica, e cujos progressos e innovações poz em relevo nos artigos então publicados em Revistas da especialidade. Para que elle não possa competir com os que na Europa são modelo, basta-lhe a exiguidade do res-



Pavilhão dos furiosos

cinto, deficiente e improprio para a sua avantajada população, que de dia para dia augmenta, sendo sobretudo sensivel esse augmento nos grandes periodos de calor, como o dos ultimos mezes.

Pois quanto é possivel, senão vencer, pelo menos attenuar os males que d'ahi resultam, tanto o tem conseguido o dr. Bombarda, que por todo o espaço aproveitavel do edificio e da cerca tem aberto e espalhado pavilhões e enfermarias, — sempre em mira a hygiene — por onde distribue os seus doentes, agrupando-os por classificações, de forma que os que soffrem de uma determinada especie de loucura não possam estar em contacto com os que soffram de outra.

Alguns dos grupos que hoje damos obedeçam a uma atilada disposição. Tem o seu logar os melancolicos como o tem os epilepticos, os alcoolicos, os agitados, e entre estes os muitos que para lá tem vindo das cellas mudas e lugubres da Penitenciaría. Representa um d'esses a primeira figura que na pagina immediata se vê.

No pavilhão dos agitados onde, quando entrámos sob os raios de um sol abrazador, que excita e agrava a loucura, sessenta ou oitenta homens gesticulavam, berravam, simulavam murros, os punhos cerrados, injectadas as veias, esgançados os olhos, destaca-se aquelle, toma a nossa frente, lança-nos um olhar que parece um punhal, e grita-nos com toda a força: "Assassinos! Assassinos!"

Este mata a mão, aquelle o pae, estrangulava este outro uma amante, e entre esses homens que a furia torna feras, e que a sciencia humana, pobre, deficiente e erronea, atirava para os carceres de uma penitenciaría, sem ter sabido descreminar o doente do criminoso, figuram exemplares da loucura agitada, manicacos exaltados, que n'uma superexcitação de todas as faculdades dizem coisas extravagantes, quasi sempre violentas e insolitas, os olhos em alvo, as arterias entumescidas, n'uma vibração de todo o ser, lançando-nos umas palavras asperas, que parecem de odio, outros esgrime-



Pavilhão dos banhos

ndo no espaço, como um pobre rapaz, que trazia vestido o collete de forças. Fora aspirante da escola do exercito e endoidecera por causa de uma mulher. Fregado á hombreira de uma porta, atirava para o espaço injurias selvagens e tremendas, vendo doente de si, e julgando, pobre D. Quichote da loucura, ser alvo de todas ellas a que tão vilmente o atraí-coára!

Este passeia ao nosso lado e sem dar por nós vae lendo alto, arrogante, n'um papel que leva na mão, versos tremebundos... que lá não existem. Aquelle está a pregar sermões apocalypticos para converter os herejes.



Paleo interior



Um português

O que está representado na segunda gravura d'esta página ameaça-nos com impeto quando vê assediada para elle a objectiva que vae estampar todos os traços da sua phisionomia desviada. "Não quero retratos, o retrato sou eu, canalhas, assassinos, ladrões..." e todo um vocabulário de amabilidades d'este genero, lançadas sobre nós á queima roupa.

O grupo, collocado na attitude necessaria, por ordem imperiosa do director para poder ser reproduzido pela photographia, mexe-se, revolve-se, ergue os braços, vomita injurias, desmancha-se, descompõe-se a todos os segundos, e é n'este flagrante de imprecações e de revoltas que a objectiva o colhe exactamente como pela photographia está representado em um dos nossos clichés.

O reverso d'esta medalha, o esbatido d'esta tormenta, o polo antipoda, vemol-o d'aqui a meia hora no pavilhão dos melancolicos entre os quaes se salientavam os tres typos de microcephalos que hoje existem no hospital e que tão bem reproduz uma das nossas gravuras.

Esta é a galeria dos tristes, dos desgraçados, dos meditatubundos! Depois da tempestade cerebral a que vimos de assistir, temos a impressão, entrando n'este recinto sereno e silencioso, da bonança.

Esta bonança, porém, é afflictiva, pungente. Todos estes homens tem a expressão externa de um soffrimento intimo, indefinido, que os rala, que os consome, que os deixa n'uma prostração infinita. Tem dentro do cerebro todos os sonhos negros, tem o coração pejado de desgostos, acurachado de maguas. No estreito horizonte que se lhes depara não veem senão nuvens carregadas de todo o peso da desgraça.

Sentados, as mãos em cruz, o corpo vergado, a cabeça inclinada, alguns d'entre elles choram placidamente a sua desdita, enquanto que outros, os olhos no vacuo, no rosto uma indizível expressão de piedade, lançam a sua queixa mudo para o espaço infinito, mas não miserico-dioso.

Julgam-se uns desherdados, outros trahidos, estes perseguidos, assassinnados aqelles.

Porque todos estes infortunios, estes soffrimentos dolorosos e consumptivos, não tem vida, não tem realidade, senão no cerebro sombrio de todos elles. A sua existencia amargurada tem só uma origem: o pensamento enfermo.

E não é deveras interessante esta galeria de



Pavilhão das mulheres. — Uma louca com um roupão e um chapéo feitos em palha por ella propria

lypemaníacos, estes hypocondríacos excepcionaes, visionarios da lór, que sentem gravar-lhes as garras com toda a sua inclemencia, com todo o seu despotismo, essa desgraça imaginaria, essa abstracção doentia, sem realidade tangivel, e até muitas vezes sem causa determinante?

No departamento das loucas é esta a especialidade morbida que menos abunda. As mulheres são quasi todas expansivas, ruidosas, turbulentas.

Quando penetramos no pavilhão por onde se espalham em grande numero, sente-se n'ellas mais aguçado e vivo o espirito da curiosidade, e o desejo da bishbilhotica ultrapassa toda a expectativa.

Todas tem que contar, que fazer queixas, que lançar ás outras injurias e apostrophes, algumas dizem-se ter vindo de estirpes illustres, outras estão possesdas da mania das grandezas, e não temos duvida em por esta via informar S. M. a Rainha e Senhora D. Amelia que as suas excepcionaes qualidades de formosura e de caracter por tal forma correm mundo e se impõem a todos, que até n'este triste mas interessante museu de loucuras fomos encontrar duas pobres mulheres que dando-se area de grandes damas, lançando sobre nós olhares de desdem, faziam consistir todo o seu orgulho, toda a sua grandeza, em nos dizerem com sobranceira e com emphase: "Eu sou a rainha D. Amelia."

Passaremos em claro pelas cellas onde as immundas, as agitadas, as assassinas, são forçadas a quebrar — ás vezes nas proprias grades das suas jaulas — a furia indomita dos nervos doentes.

Não demoremos a vista n'aquelle que em toilette de Eva no paraiizo ajoelha quando passamos, ou na que está deitada sobre um montão de palha, que crava em nós, ao ver nos espreitall-a, olhares de fiera raiosa, os mesmos que fixou porventura na pobre doente que ali mesmo matou, estrangulando-a, e entretehamo-nos apenas a conversar um pouco com essa graciosa e bonita figura de mulher, que barra de palha a grade de sua cella, dizendo que são os seus stores, e que apenas vê o director, que nos acompanha, a pôr a descoberto para nos mostrar lá de dentro, com uma vivacidade intelligente e insinuante, as suas habilidades, a sua arte aprimorada, as manifestações do seu talento de *costumiere*, que deixa a perder de vista a fama do sr. Carlos Cohen.

Que esplendidos vestidos de palha, que chapéus tão airosos, que elegantes sapatos, que a Cendrillon invejaria, que loques caprichosos, em que a China teria que aprender!

E como ella nos sabe contar, n'uma linguagem quente, exuberante cortada de gestos rapidos, expressivos, a historia da sua vida, em que o amor toma uma parte tragica, porque a atraçooou o homem a quem ella entregára a alma e o coração, e a substituiu por outra, e covardemente a desprezou, regatando o precioso thesouro que a mais ninguém pertencera! D'aqui a revolta da sua dignidade aviltada, a perturbação do seu cerebro, tão violenta, que lhe apagou de chofre, bruscamente, a luz que o allumiava, deixando apenas estas aberturas por onde a memoria dolorida evocava a mocidade feliz e o amor trahido, revolto!

Na gravura que a representa todo o fato é de palha e todo elle é *signé* por esta singular artista, que nas horas vagas da inspiração só tem o capricho exquisto de arrancar e trincar orelhas a quem lhe apparecer!

Mas fiquemos por aqui, que é tempo de terminar a visita, apertemos com um novo agradecimento a mão ao dr. Bombarda, e vamos tomar ar...

Lihoa, Outubro 99.

JAYME VICTOR.



Um furioso



O Alto Minho



omo se a natureza, sommando se ao esforço do homem, quizesse completar a sua obra, dar-lhe a grandeza que os monumentos não atingem, a duração que elles não podem equalar, os tons que o pintor imita a custo, a graciosa curva que o esculptor difficilmente imprime ao bloco da montanha, a extenção que a arte humana em seculos e seculos não poudo conseguir, o caracter destructivel que não possuem os tratados de limites, a diversidade das cores dos mappas, a linha ideal das fronteiras internacionaes — reuniu no Alto Minho a graça, a belleza, o encanto d'esta querida terra de Portugal.

Vianna produz um deslumbramento, reclinada brandamente no Lima, o delicioso rio de margens bordadas de salgueiros, de choupos e de vinhas, onde os romanos julgavam encontrar o Letheo, porque fazendo lhes esquecer tudo o que tinham visto, deixava os surprehendidos, encantados!

Começaahi a desenrolar se o soberbo panorama do rio, ladeado de quintas, de povoados, de pomares, de arvoredos, risinhos moinhos de vltas em cruz grega, voltando no cimo dos cabeços, copando entre os maciscos de verdura, boijado pelos salgueiros, reflectindo o arvoredado da margem, o azul do Ceo; a paizagem encantadora do campo coberto de eterna verdura, onde o esguio pinheiro se alterna com os carvalhos atarracados, onde rebenta a vinha por entre os milbrazes e sobre entrelaçada nas espigas, onde a relva atapeta o pendor da montanha, o fundo do meama cor, o grande manto verde que se desenrola do cimo do monte á linha do areal.

Ao longo dos caminhos sobe a vinha pelos ramos das arvores, forma bambinelas nas devezas, esombrá as portas, cobre as ruas suspendendo por cima d'ellas os bellos cachos, vae em socellos até á faldá da montanha.

Ensombram as estradas a faia e o eucalypto, o choupo e o sobreiro, o castanheiro e o carvalho, as latadas erguidas em altos pilares de pedras, as molias de silvas cheias de amoras já pretas como azeviche ou ainda rubras como morangos.

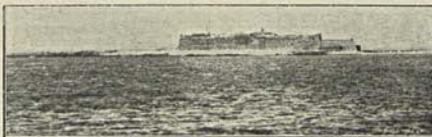


Cruzeiro de Christello

Serras de um contorno suave elevam-se avelludadas pela relva, coloridas pela giesta, toucadas de arvoredado, emoldurando os valles deliciosos, onde por entre verde metalico do milho apparece a casaria das povoações, erguendo no mais alto egrejas, calvarios, capellas para onde vae o povo cantando e dançando desde muitas legoas, nos seus trajes garridos, caracteristicos, em alegre, ruidosa romaria.

O Alto Minho é a aspera serra da Peneda e o valle extenso do Coura, a deliciosa veiga do Vez e a paizagem alpina do Extremo, os alcantis do Crasto e Sino dos Mouros e a serra da Portella onde Christello sobe entre pomares; a extenção dos campos, das matitas, das devezas, dos paues e a elegante curva da praia de Moledo, apoiada no monte de Santa Tecla, junto do qual o mar é mais escuro, mais carregado, fechada pela Insua onde elle vae bater, inquieto, bulicozo, recolhendo o na cachira de amarelhada do areal, mais claro, mais cor do ceo, até passar quasi insensivelmente ao branco da espuma, que aflora sobre as cabeças negras dos rochedos e vem enrolar-se na areia desfazendo se, espraian-do se.

O Minho é Caminha, a deliciosa villa n'uma situação sem rival, sobre o amplo estuario onde desembocam o Minho e o Coura, e o Oceano vem misturar as suas aguas, onde desagua o grande rio da fronteira, largo, extenso, dividido em braços pelas insuas, os areinhos, as morraceiras, bordado de povoações, a espaços ladeado de arvores, quasi em linha recta, vindo-se a direito em muita distancia, grande como um mar, alargando n'uma formosa bacia; e o pequenino Coura, uma risinha miniatu-



Insua de Caminha

ra, correndo entre salgueiros, carvalhos, choupos, faias, azinheiros, velhos troncos enlaçados pela hera, maciscos de ramarias fazendo sombra, o verde da folhagem reflectindo na agua serena e mansa, a caprichosa curva das suas voltas mudando a cada passo, a fechar o horizonte n'um fundo encantador de arvoredado, a mostrar o depois n'uma continuação do belleza que se vê vinha.

Todos os aspectos do Alto Minho somman-se n'aquelle deslumbrante panorama, na extensa veiga onde desliza o Coura, nas collinas distantes avelludadas pela relva, na suavidade das margens, das montanhas, no brande despar da terra até aos rios, emquanto faz contraste, erguendo-se em frente, pesada, escura, a cadeia dos montes da Galizia, Santa Tecla mostrando, em vez do altoero como regular que se avista do Oceano, pontas agudas, asperas do cumo, da severidade sombria da paizagem monota, o alcantilado dos montes pesados, ameaçadores.

Admira-se alli toda a paizagem do Minho, toda a paizagem de Portugal, tudo o que lhe imprime caracter no genio dos habitantes, nas tradições da historia, na epopeia dos monumentos, nas bellezas natras em estuario vasto como o do Tejo, margens risonhas como as do Lima, choupos e salgueiraeas como os do Mondego; carvalhos e castanheiros como nas Estradas vinhas extensas como as do Douro, largas campinas como as lezirias; a torre vetusta de

D. Diniz, os restos da muralha de D. João IV, a saudosa antiquidade das habitações, o primoroso caliz do Sinho dos Marceantes, o caracteristico ornado das ameias, a formosa capella mór da matriz onde está accumulado o gosto, a arte, o motivo maritimo, a riqueza, o renidilho do grandioso estylo manuelino.

O Alto Minho é a fronteira, alternadamente guerreira e pacifica, armada e franca, ameaçadora e convidativa: a Insua, a fortaleza origi-

nal, n'uma pequena ilha, mal sabindo das aguas, como um formidavel guardado costas ancorado para sempre, como um torvo e contracado defrontando o grande monte de

Santa Tecla, o gigante da Galizia; Caminha com a graça encantadora das suas mulheres, estendendo affivel dois braços, os seus dois rios, coronada pela sentinella vigilante da velha torre amarellecida; a deliciosa morraceira de Gondarem, uma grande mata de salgueiros dentro d'agua, digna de ter inspi-

rado a Camões a soberba ficção da Iha dos Amores, confiada na heroica resistencia de Deu-ja-Deu, rodeada pelos restos da muralha que detinham as invasões, hoje revestidas pelo musgo, amorosamente abraçadas pela vinha, que se vae estendendo pela escarpa, trepado pelas fendas, encostando-se em socellos, fazendo um tapete de

latadas de fesso até ao rio; a hera, as silvas, as trepedeiras em bambinelas, sem cortinados, em grinaldas; a guardal-a como robustas sentinellas os platanos e os choupos — que a independencia da patria não precisa já da rigidez antiga dos seus muros, bastando para affirmar a

aquelle deliciosa faixa de terra, de um inconfundivel caracter nacional.



Estrada de Moledo

de um grande exercito; Valença alterosa, erguida ameaçadora na conraça rija de pedra, erigida de baluartes, bastiões, reductos e redentes até ao rio, apontando pelas canhoneiras as boccas hiantes dos canhões; Monção, sem cortinados, em grinaldas; a guardal-a como robustas sentinellas os platanos e os choupos — que a independencia da patria não precisa já da rigidez antiga dos seus muros, bastando para affirmar a

aquelle deliciosa faixa de terra, de um inconfundivel caracter nacional.

FAUSTINO DA FONSECA.



CANÇÃO PORTUGUEZA

Poesia popular.

com vida

Oscar da Silva

Canto

Muito vivo e gracioso

Ou vi di zerao lu ar

Com tri na dos na gan ta

Piano

Musical notation for the first system, including vocal line and piano accompaniment.

Quem canta seu mal es...pan...ta É puzmentão a can tar

Fe chei na mão um sor

Musical notation for the second system, including vocal line and piano accompaniment.

ni so Da tu... a bo ca for mo sa Quando fui a abrir a mão

Ti... nha to da cor de ró... sa.

Musical notation for the third system, including vocal line and piano accompaniment.

Os o lhos da ma ro... dos Tem um cer to não sei quê

Our ser... ve de su bs.

Musical notation for the fourth system, including vocal line and piano accompaniment.

cri... pto A car ta que se não lã.

É tão lindo o teu o lhar

Que não sei mesmo se Deus

Musical notation for the fifth system, including vocal line and piano accompaniment.

Fez teus o lhos do lu... ar

Ou o lu... ar dos o lhos teus.

Musical notation for the sixth system, including vocal line and piano accompaniment.

Morre um af freio, outro nas ce

Vae se um a môn ou tro vem

Apóz um sonho, ou tro so... nho De tan tos que a vi... do

Musical notation for the seventh system, including vocal line and piano accompaniment.

tem.

f muito animado

apressando

muito

Musical notation for the eighth system, including piano accompaniment.

J. Nunes dos

Proprietário

A guerra na Africa Austral



stá ha um mez arrendo a guerra entre a republica do Transvaal e o governo britannico. E a lucta mais temerosa e destruidora que tem havido naquellas regiões, e é o mais deploravel exemplo que brancos que se dizem civilisados podem dar ás tribus indigenas de cõr preta a quem chamamos selvagens.

Esta guerra constitue já, e quem sabe que grande desenvolvimento poderá ainda vir a tomar, o mais importante esforço militar feito pela primeira potencia naval do mundo para assegurar o seu exclusivo predomínio nos paizes dos diamantes e do ouro. Mas essa primeira potencia naval, que ostenta orgulhosa os seus poderosos vasos de guerra em todos os mares, que tem a sua bandeira espalhada em todo o globo, e d'entre cujas possessões sempre ha pelo menos uma sobre quem o sol derrame a sua luz, essa potencia que parece insaciavel nas suas tendencias absorventes, e que, especialmente em Africa, pretende tudo cobrir com a sua influencia, está muito longe de ter em terra e fóra do alcance dos seus canhões navaes uma superioridade indiscutivel.

O poderio da Gran-Bretanha é supremo e inexcelsível, nos mares; o seu exercito não é certamente dos primeiros em terra. A condição insular d'aquella metropole, e a natureza aventureira, mercantil e activa, d'aquelle povo não é plausivel explicação e o fundamento da nossa asserção; no passo que o povo britannico cercado de aguas pouco ou nada tem a receiar de uma invasão de outros paizes, vê-se no entanto, e por isso mesmo, na necessidade de possuir grandes esquadras para defender as suas costas e para levar aos confins do mundo a civilisadora sombra da sua bandeira.

E por isso que, embora a Gran-Bretanha seja o paiz mais commercial do mundo, e embora o seu commercio possesse beneficiar muito mais com as mais faciles e intimas relações com os povos continentaes europeus, nunca ella quiz nem quererá que seja lançada uma ponte entre a costa do Sul e a França, e nunca poderá consentir que seja perfurado um tunnel por baixo do canal da Mancha, como mais de uma vez tem sido projectado.

O isolamento é que convém ao povo britannico; e é por isso mesmo que a sua organização militar em terra é deficientissima, e que o seu soldado, embora muito athletico, muito bem posto e com admiravel garbo e acieo no seu porte, está abaixo de quasi todos os soldados de outros paizes, e especialmente do boer, que é aquelle com quem, neste trabalho, teremos de comparar.

O soldado inglez, sempre muito bem alimentado, bem pago, bem vestido e bem alojado, quando uma vez se encontra fóra d'essas optimas condições, deixou de ser um elemento effizaz de força e torna-se pelo contrario um encargo pesadissimo para o Estado.

O combatente boer — pois que não podemos chamar-lhe soldado, por não haver no Transvaal nem na republica d'Orange organização militar rigorosa senão na arma de artilheria — o combatente boer, que é todo o homem valido dos 16 aos 60 annos, e pelo contrario o homem de uma absoluta sobriedade, soffredor, habituado a todas as intemperies e a todas as privações, resoluto por natureza, valente sem ostentação, patriota no mais elevado grau, e nunca se vangloriando das suas victorias, porque todas as attribue ao poder divino e á justiça da sua causa sacratissima, que é a defesa do seu torrão natal e da sua independencia.

O combatente boer sempre excellentissimo cavalleiro e exímio atirador, tendo o seu cavallo costumado aos trabalhos e ás veredas das montanhas, e a sua arma experimentada e de confiança, tendo as suas cartucheiras a tiracollo e alguns pedaços de carne secca ao sol, a que chamam *biltong*, está prompto e municiado para a mais rude campanha, e marcha despreocupado, impellido pelo amor patrio e pelo incitamento da propria familia, mesmo da mulher e filhas que possuem como seus paes, esposos e irmãos, as mais raras qualidades de abnegação, de despreendimento e de valor civico.

O caracter d'este povo, unico no mundo, herdaram no elles da nobre raça hollandesa, formou-se depois na adversidade, nas luctas com indigenas feroces e com animaes silvestres não menos temíveis, no desbravamento de paizes novos e desconhecidos, na fun-

dação de grandes propriedades ruraes, na criação de gados, e veiu a consolidar-se nas marchas em adustos sertões em procura de outros paizes, quando os Inglezes vinham usurpar-lhes aquelles que já haviam sido por elles avassallados e utilizados.

Estas migrações duraram enquanto houve paizes novos para onde os boers possedem dirigir-se; mas desde que o poderio britannico cercou as duas republicas de um cinto de territorios a que chamou seus, e desde que elles se enraizaram solidamente ali, não poderam os boers continuar a sua expansão para regiões ignotas, e forçoso lhes foi defender o solo patrio com a tenacidade rija da sua tempera e com a anciedade de quem vê diante de si inimigos insaciaveis e irreconciliaveis.

Tem os periodicos de varios paizes dado ao fundamento d'esta guerra, ou antes attribuido á necessidade d'ella por parte da Gran-Bretanha, uma explicação bem pouco honesta, diga-se a verdade. Diz-se que achando-se em serias difficuldades financeiras a companhia South Africa, e preponderando nella homens altamente collocados e influentes na politica e na sociedade, se formou o plano de attenuar essa difficil situação com a ampliação de territorios novos mais vastos e de reconhecido valor. Era portanto necessario conquistar se o Transvaal e dar o seu territorio á companhia South Africa para que as suas finanças se restabelecessem e os seus magnates saíssem de apuros.

Não temos elementos para confirmar nem para desmentir esses boatos; mas attendendo aos limitados recursos que a Gran Bretanha, por vezes pôe em obra para alargar o seu dominio, não nos atrevemos a repellir-os terminantemente. E depois, as lições da historia ali estão para nos esclarecerem com frisantes precedentes.

Os boers foram no principio do seculo sa-cudidos do Cabo da Boa Esperança para o interior, porque á Inglaterra approve descerosamente occupar aquelle ponto estrategico para as suas esquadras e para as escalas do seu commercio. Foram depois os boers occupar o Natal e fundar ali uma republica; e quando estavam installados e socegados, vieram novamente os Inglezes em 1842 enxotá-los para o sertão desconhecido. Estabeleceram-se para além das montanhas Drakensberg, nos territorios situados entre os rios Orange e Vaal e entre o Vaal e o Limpopo, e fundaram as duas republicas que foram reconhecidas politicamente pelo governo da Gran-Bretanha em 1852, e enquanto n'isso não houve inconveniente.

Mas apenas appareceu o primeiro diamante no districto dos Griquas occidentaes pertencente a Orange, inventou-se um pretexto em 1870, e esse districto, que veiu a revelar-se o mais fecundo solo diamantifero do mundo, foi annexado á colonia do Cabo, vindo a surgir d'elle a sumptuosa cidade de Kimberley.

Em 1877, de prompto do apparecimento de ricas minas de ouro no districto de Leydenburg, aproveitou-se um pretexto de dissensões politicas intestas na republica do Transvaal e uma temporaria frouxidão na sua administração, e o Transvaal foi, quasi por sorpresa, annexado á corõa britannica por Sir Theophilus Shepstone



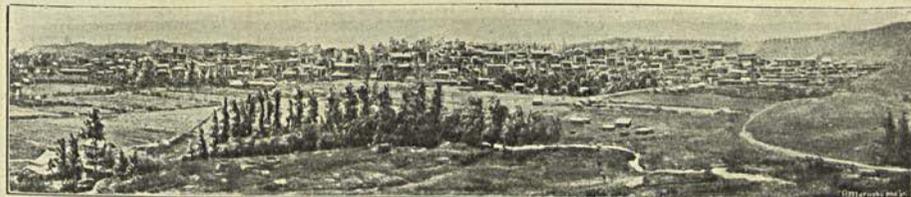
General White



Pretoria — Standard Bank



Pretoria — Palacio do Parlamento



Vista geral de Pietermaritzburg, capital do Natal



Vista geral de Ladysmith

e constituído em colónia sobre si. Os boers do Transvaal uniram-se, então, reagiram e protestaram por palavras e por escrito durante trez annos, e empregaram todos os possíveis esforços pacíficos para reaverem a sua independência; até que, depois de exgotados em vão todos esses meios, recorreram ás armas em 1881 e sacudiram o governo intruso reconquistando a sua independência, posto que com restrições.

O governo britannico nunca esqueceu o resultado desastroso para as suas armas das quatro principaes batalhas feridas nessa campanha memoravel: Bronkers Spruit, Laing's neck, Ingogo e Majauba são notabilissimos feitos d'armas em que os boers illustraram o seu valor e o seu patriotismo, e em que ensinaram ao mundo o que pode um pequenino povo quando defende direitos sagrados. N'essa guerra ficou demonstrado que os soldados inglezes não estavam á altura de bater-se com os boers; e sobretudo que eram mal commandados.

O governo britannico reuniu no territorio de Natal, depois d'esses desastros militares, importantes forças sob o commando do prestigioso general Sir Evelyn Wood; mas entendeu então que lhe não ficaria bem affirmar a sua supremacia sobre um povo que tenazmente a repella, aceitou nobremente os factos consummados e reconheceu a independência politica do Transvaal sob a restrição apenas de uma quasi nominal suzerania.

E porque n'esse tempo não estava ainda em evidencia o astuto, o irrequieto, o ambicioso e o arrogante Cecil Rhodes, esse homem que em poucos annos fez uma enorme fortuna pessoal que lhe garante uma absoluta independência, e que adquiriu grande influencia mercantil e politica na colónia do Cabo, nos districtos mineiros no Transvaal entre os *uitlanders*, nos paizes dos Matabeles e Mashonas, antigamente conhecidos pelo nome de Monomotapa e hoje pelo de Kibodesia, esse homem que souhou e estava em via de pôr em execução o plano agigantado de um fio electrico e de um caminho de ferro do Cabo ao Cairo, esse homem que tão perigoso tem sido para tudo que não concorria para os seus fins, appareceu por esse tempo no campo da politica, e veio introduzir na lenta evoluçã que se ia gradualmente operando, e que talvez viesse um dia a fructificar satisfactoriamente, elementos perturbadores que acceleraram este fatal desenlace a que todos estamos assistindo cortristados.

Depois da paz de 1881 e do respectivo tratado, e principalmente depois de reveladas á luz do sol as deslumbrantes riquezas do Rand, que em menos de dez annos levantaram em Johannesburg, de mais vasta, mais populosa, mais rica e mais activa cidade de toda a Africa, a corrente sempre crescente da immigração estrangeira, mas principalmente ingleza, foi-se estabelecendo todos os mezes, e obedecendo a um pensamento fixo que as circumstancias locais pareciam coadjuvar.

Ha trez annos, julgando Cecil Rhodes as coisas em boas condições de amadurecimento, — os grandes homens tambem commettem erros — fomentou, incitou e subsidiou uma invasão do Transvaal com uma expedição armada commandada pelo Dr. Jameson, mas conservando-se elle Rhodes aparentemente extranho a tão indignos processos. Os boers, porém, que estão sempre de sobreaviso, frustraram essas desleaes machinações, derrotaram a famigerada expedição em que havia officinas do exercito britannico, sem que os taes *uitlanders*, cujos agravos serviam já então de clamoroso pretexto para actos violentos, se levantassem em Johannesburg ou n'outras partes: era um verdadeiro fiasco!

Os cabeças de motim foram presos, processados e condemnados á morte pela justiça transvaalana; mas a magnanimidade, a generosidade e o espirito christão do presidente Kruger, perdoou-lhes a pena capital e contentou-se em banil-os do territorio. Parece-nos que não fez bem.

O acontecimento produziu em toda a Gran-Bretanha um espantoso escandallo! e embora o governo tivesse tido bastante applausido se a expedição dos *Hibsterios* tivesse sido bom exito, não houve remedio senão fazer-se um simuloção de ingenuidade parlamentar para desafrontar o decoro nacional. Esse ingenuo, revelado apparesento e cuidadosamente narrado na imprensa periodica, revelou actos verdadeiramente extraordinarios e deixou o grande Cecil Rhodes em uma vergonhosissima situação moral! Entretanto o Dr. Jameson depois de indultado, recolhia a Inglaterra como um verdadeiro he-

roe... infeliz, e era aclamado nas ruas e nos espectaculos por uma população... irreflectida!

O desastre succedido ao Dr. Jameson e aos seus superiores dirigentes, fosse qual fosse a sua categoria social, não desanimou comtudo os inimigos do Transvaal. Depois de serenada a opinião e de esquecida um pouco a aventura, começaram a inventar-se novos pretextos mais ou menos futeis de suppostos vexameas soffridos pelos *uitlanders*, da necessidade de serem elles investidos em direitos politicos, de terem voz no parlamento do paiz, etc. Argumentava-se dizendo que sendo elles quem constituia a classe activa e trabalhadora do paiz, sendo elles quem concorria para as despezas publicas com mais larga contribuição, justo era que elles fossem ouvidos na maneira de applicar essas colossaes receitas publicas.

Deve notar-se porém, em abono da verdade imparcialissima, que o grosso da população ingleza do Transvaal de nada se queixava; viviam todos satisfeitos com a remuneração que recebiam do seu trabalho e do seu capital, não procuravam nem se importavam de intrometer-se nos negocios politicos do paiz que lhes dava o pão em troca do seu activo labutar. Apenas alguns aventureiros mais



Vista parcial de Bloemfontein, capital de Orange

ambiciosos, menos escrupulosos ou mais directamente instigados pelos mandões intrigantes, se apresentavam a fazer barulho e a reclamar lros politicos de que não necessitavam, e serviam assim de instrumentos inconscientes nas mãos d'esses mandões. Tudo isto se tem hoje demonstrado claramente em entrevistas que esses pobres mineiros, hoje fugitivos e desgraçados em Inglaterra, tem tido com jornalistas avidos de noticias de sensação.

Esses futeis pretextos, cuja generalisação poderia vir a ser perigosissima para a Inglaterra, se os Irlandezes ou os muitos milhoes de Indios das presidencias de Bengala, Madrastra e Bombaim quizessem ou podessem fazel-os valer em seu favor, serviriam no entanto de motivo para levarem o audacioso ministro Chamberlain a começar as suas preempatorias ameaças ao prudentissimo, mas firme e decidido presidente Kruger. O presidente, sempre animado do mais largo espirito de conciliação, sempre sereno como quem está no campo da justiça e do dever, é sempre grande como quem está investido na suprema magistratura de um paiz respeitabilissimo, e quer, por dever do cargo, zelar o decoro proprio, a independência nacional e as boas relações com os paizes extranhos, o presidente Kruger, que tantas provas tem dado da sua inexcedível cordura na sua já longa e purissima carreira publica, foi transigente e cedendo em varios pontos das exigencias britannicas até onde decentemente podia ceder e transigir. Mas chegado a esse extremo, a essa situação agudissima e irreductivel, manteve-se nas suas recusas e preparou-se para o peior.

Por seu lado o governo britannico, que pensara a principio que os boers de hoje não eram já os de 1881, e que suppunha que elles cederiam com maior ou menor relutancia ás suas exigencias, viu-se inesperadamente em uma situação critica da mais perigosa natureza, começou a comprehender que seria indispensavel reorrear ás armas, e viu só então que não estava preparado para a ingente lucta que se ia travar. Inicou então a mobilisação de tropas do Cabo e do Natal sobre as fronteiras do Transvaal e o preparativo e expedição de um grande corpo de exercito da Inglaterra, de Gibraltar, de Malta, do Egypto, da India, do Canada, e da Australia com destino á Africa do Sul. E entretanto, para ganhar tempo e permitir que essa demoradissima concentração de tropas se fosse

gradualmente operando, começaram os palliativos diplomaticos, as delongas, as tergiversações e os apparentes recuos com que outros menos cautelosos que os boers se teriam talvez illudido.

O presidente Kruger, entretanto, vendo que o governo da Inglaterra estava completamente desprevideno e sem recursos offensivos, apressou-se a declarar-lhe que admitiria novas negociações contanto que cessasse immediatamente a mobilisação de tropas e que não desembarcasse na Africa do Sul nem mais um unico soldado. Nada havia mais razoavel; mas o governo que estava já muito excitado pela má situação em que a sua imprevidencia e filancias o haviam collocado, chamou a esta declaração de Kruger um ultimatum, julgou-se profundamente offendido e optou pela guerra. E como o presidente Kruger marcava um praso para se encetar o caminho da conciliação, e esse praso expirara, foi o Transvaal quem rompeu as hostilidades, o que serviu de novo estimulante para a indignação publica em Inglaterra e de incitamento ao ministro Chamberlain, que assim se aventurava em um caminho escorregadio, perigosissimo e onde não podia já parar.

O que parece presumivel é que o governo britannico nunca esperou que o Transvaal tomasse uma tão resoluta attitude; menos esperou ainda que a republica d'Orange, que sempre fôra ordeira e socegada, se ligasse por um tratado de alliança offensiva e defensiva com o Transvaal; ficou completamente desorientado quando chegou a convencer-se de que a população *afrikander* das colonias do Cabo e do Natal e dos paizes sob protectorado britannico, — a qual constitue talvez tres quartas partes dos brancos d'esses paizes, — estivesse proxima de se bandear abertamente com os boers do Transvaal e d'Orange; e pode estar reservado para maiores surpresas ainda se os proprios povos indigenas Basutos, Fondos, Bechuana e Zulus se levantarem tambem para o lado do elemento neo-hollandes.

Pois nada d'isso é para admirar. A solidariedade de raça, de crenças, de religião, de costumes e de lingua, de todos esses brancos de identica origem, — alguns dos quaes haviam transigido só apparentemente com o dominio britannico, — é tão grande, que justo é que elles, no momento do perigo commum, se unam todos para lhe resistirem. E, quanto aos pretos, esses vão geralmente para o lado do mais forte quando não haja outros titulos de valor para o seu respeito e obediencia.

Não nos compete a nós, nem para isso teriamos ainda elementos de confiança, fazer a critica das operações de guerra conduzidas até hoje. O que contudo parece certo é que a colonia do Natal tem sido invadida por forças boers que tem tomado varios pontos estrategicos; que as cidades de Kimberley e Mafeking do lado occidental estão cercadas; que a Rhodesia está ameaçada, e que na colonia toda do Cabo lava uma desconfinça e um mau estar accentuadissimos.

O general Redvers Buller, destinado a commandar o novo exercito britannico, já chegou ao Cabo; mas as suas tropas vão chegando vagarosamente a pouco e pouco, o que muito difficulta um

plano efficaz de campanha. O exercito do general White está consideravelmente enfraquecido pela mortes, ferimentos, e aprisionamentos. O espirito das tropas deve estar muito abatido.

Além d'isso o que poderá esperar-se do soldado irlandez, do sipay da India, do Canadiense e do Australiano, admittindo-se mesmo que todos esses desconexos elementos cheguem a reunir-se na Africa, o que alguns dizem ser duvidoso?

Por outro lado ainda, vemos a Gran-Bretanha completamente isolada nesta lucta colossal; porque, embora não pudesse ella contar com o auxilio material de outras potencias — nem lhe ficaria decoroso pedi-lo — nem ao menos tem as sympathias da maioria d'essas potencias, muitas das quaes tem antipathias agravadas que causam agora o seu regosio perante as difficuldades em que ella se encontra.

Os tempos não estão já para cavalheirismos romanescos, nem este conflicto é de molde a inspiral-os a favor de Ingleses. Pelo contrario: os tempos vão bons para os egoismos frios e para cada um pescar nas aguas turvas e pensar nas suas conveniencias. Alguns das grandes potencias continentales tem questões a liquidar pendentes, e bem possivel seria que, vendo a Inglaterra embarçada na Africa do Sul e obrigada a desgarrar bastante as suas possessões ultramarinas, aproveitasse agora tão favoravel occasião para tirarem uma desforra. Não nos faremos propheta em tão transcendentales questões politicas, mas diremos apenas, sem que algum ouse desmentir-nos, que a situação para a Inglaterra se apresenta espantosamente tenebrosa.

Perante a gravidade da conjunctura, quer nos parecer que o que de melhor haveria a fazer, seria reconhecer a Inglaterra o seu erro, retirar os seus exercitos da Africa, desistir das suas pretenções dominadoras sobre as duas republicas, e tratar de convalescer d'este enormissimo abalo, que, sem isso, pode bem vir a ser o começo da realisação do vaticinio attribuido a Bismark: que a Inglaterra entraria no occaso da sua carreira de glorias quando tivesse uma guerra na Africa Austral.

Pelo que se refere a Portugal, é esta guerra de uma altissima e transcendente gravidade, sejam quaes forem os seus resultados. Alliado antigo e sempre lealissimo da Inglaterra por tradições historicas, por laços dynasticos e por conveniencias de commercio e colonias, não é o nosso paiz menos inclinado a sympathiar com os boers que sempre commoço mantiveram as mais estreitas relações de boa vizinhança em Lourenço Marques e Inhambane. Precisamos portanto de manter com esclarecido e superior criterio a mais austera e acertaada neutralidade perante estas duas potencias, e seguir imperturbaveis um caminho de correcção em todos os nossos actos officinaes. Inspiro-se o governo n'estes principios de prudencia, e conseguirá manter-se em posição digna, respeitavel e vantajosa.

Lisboa, 9 de novembro.

AUGUSTO DE CASTILHO.



Eduardo Augusto Vidal

IDYLLIO TRAGICO

Era viuva e mãe. D'antes, n'aquella casa
Em paz o amor sorria.
Rumorejava em torno o fremito d'uma aza
D'alguem que a defendia.

Como as aves do ceo se abrigam castamente
Nas ramagens escuras,
Assim no fundo val vivia aquella gente ..
Felizes creaturas!

Eram quatro: mãe, pae, mais um casal implume;
Uma familia boa.
D'estes ninhos na sombra evolva-se um perfume,
Que a Deos por certo vóa.

Felizes! Nenhum fausto; o andar do caminhanter
Em relovoso matiz.
Felizes! .. Se no mundo, um mal sempre inconstante,
Pode alguem ser feliz!

De repente estrugiu um grito horrendo e vasto,
Que no espaço vibrou:
Rugido de leão que visse dar em pasto
os filhos que gerou.

Era a guerra, meiga Deos, a tragica, a maldita,
Que a voz sottaava assim;
Era a sêde do sangue, atroz, sêde infinita
Nos labios de Caim.

Porque? Porque do abysmo, entre o raivar das feras
Que se chamam paixões,

Iromperam, de salto, as ancias e as chimeras
Das torpes ambições.

E a casinha do val, o tepido conforto
Ermo e triste ficou.
Os miseros lá estão, chorando no seu horto,
Que o pae não mais voltou.

Porque? — Porque na guerra, á infamia da batalha
Alguem lhe disse: — «Vae!
«Dos lençãos do teu leito a patria fez mortalha...
«Engeita os filhos, pae!»

«Defende o solo, o berço, a santa immunnidade
«Do lar, succumbe, e cre!»
Só a viuva, a mãe, dizia entre a orfanidade:
«Morrer assim, — porque? ..»

«Porque vestir de lucto um bando de innocentes?
«Porque jazer no pó?
«Porque entregar á fome uns campos tão ridentes?
«Porque ficar eu só? ..»

Porque alguem, na avidez que se repasta em ouro,
Talhou a assolação.
E a humanidade vae, qual boi, ao mata-douro...
E' vil; que diga: «não!» —

Outubro de 1899.

E. A. VIDAL.

Chronica d'outros tempos

AS TOIRADAS

VI

O testamento de Carlos II determinava que a corôa castelhana passasse para a cabeça do duque de Anjou, isto é, apresentava os hespanhoes com um rei Bourbonico. Mas o archiduque Carlos oppoz embargos áquella disposição testamentaria, os ares turbaram-se e estalou a guerra da Sucessão, em que fomos quinchoeiros por havermos adherido á Grande Allianga. O testamento foi o pomo da Enxada que dividiu os deuses e os homens, diz conceitualmente Arsenio Houssaye. A Europa estremeceu com o troar dos canhões.

O Marquez das Minas — investido na chefia dos exercitos portuguez, inglez e hollandez — cruzou meia Hespanha, enramou a frente com as laureas de vencedor e forçou as portas de Madrid, enjas chaves recebeu, e onde assistiu, de uma fanella da Plaza Maior, á proclamação da soberania de Carlos III (1). Mas, após variadissimas peripetias que não são para relatar aqui, os terços luzitanos foram derrotados em Almanza, e o nosso impavido caudillo, desgostoso, voltou á patria, sem que o revez soffrido lhe podesse empanar sua gloria, entibiar seu animo, transmutar sua espada percuciente em arma bôta e inoffensiva, em ferro inútil de panoplia ornamental.

Celebrada a paz em 1713, um troço do nosso exercito, que occupava a Catalunha, executou, sob o commando do joven D. Pedro de Almeida (depois conde de Assumar), uma retirada honrosa e brilhantissima de ordem e serenidade, tendo a haver-se com as intemperies do inverno e com malquerenças e retaliações das provincias atravessadas (2).

Como todos os acontecimentos politicos e litterarios da epocha, tambem os triumphos do Marquez das Minas tiveram as habitues annotações explicativas da Musa pedestre dos poetas. A decima seguinte allude ao desbarato do general D. Francisco Ronquillo, escorechado por aquelle destemido cabo de guerra, e emprega uma phraseologia taumachica:

*O Ronquillo com faror
Foi brumado como um touro,
Vindo buscar minas de ouro
Achou minas de calor;
Da garrocha o forte ardo*

*Os fez voltar tão ligeiro,
Que ao fugir é o primeiro,
E digo pois com razão:
Não é touro do roneço
Pois fugiu ao cavalleiro (3).*

Se Philippe V, ao contrario do seu predecessor, desadurava as taumachias, se manifestava desprezo pelo curioso espectáculo, é porque chegava da emproada côrte de Luiz XIV, onde todas as attitudes eram reguladas como um bailado, onde o proprio rei era o mais elegante dancarino, no dizer de Saint-Simon, onde a vida era um romance capitoso como um frasco de Chypre e doce como uma taça de rosasolis. Elle era homem d'esse seculo amavel em que a Pompadour fazia descor sobre Versailles o Olympo de Boucher, em que a Regencia se esmaltava de todos os vicios... e mais um, em que as marquezas e os casquilhos se perdiam nos parques senhorias, scismando nas pombas de Aphrodite e no pardal de Lesbia, em que Maria Antonietta resuscitava Astrea no Trianon — seculo em que a fina Galanteria estava no throno e tinha o Espirito por cortejo. Com o novo monarcha, as alomadas de estranha procedencia, as francezas, penetram na corte madrilena, a dança nacional é proscripta dos salões e substituida pelo minuetto, o celebre cantor Farinelli implanta a opera italiana, a influencia forasteira faz-se sentir em todas as esphas da vida, e até na litteratura. Os romanos de Madrid são hellenizados pelos athenienses de Paris.

No reinado de Philippe V — intervallado pelo de Luiz I, que passou rapido como um *touriste* da agencia Cook — houve algumas corridas de toiros em Andaluzia e Santo Ildefonso, e uma corrida solemne na praça da capital, em 1725, a que presidiu o chefe do estado. Saint-Simon aponta, entre os toiradores famosos do seu tempo, o conde (depois duque) de Los Arcos, estribeiro-mór de Philippe V. A affeição ás porfiosas lides toireiras subiu de ponto, estimulada por Fernando VI, que casara com D. Barbara de Bragança, a caritativa senhora a quem o povo madrileño affectuosamente se referia n'este verso:

*Viva el-rey Don Fernando y la Portuguesa,
que con celo remedian nuestra pobreza (4)*

Carlos III prohibiu as funcções theatraes, relegou o cantarino Farinelli e supprimiu as corridas, tendo, porém, a curta trecho, de annular esta resolução, em virtude da consulta do

Conselho de Castella, que lhe ponderou os inconvenientes que adviriam de privar a Hespanha do seu recreio amado.

No tempo de Philippe V azou-se o ensejo dos nobres abandonarem a arena, onde foram rendidos pelos profissionais. Em meados do seculo XVIII já se desenhava a lide exercida por gente assalariada, intervindo muito os lidadores peões. A plebeuven mostrar seu valor, matando toiros á espada, e a pé, corpo a corpo. E o *sport* taurino, que desde o seculo XVII constituiu uma arte, entrou na phase propriamente popular em fins do seculo XVIII.

As corridas do tempo de Costillares e de Pepe-Hillo esmaltaram-se de um brilhantismo singular. Costillares inventou o *volapié*. Pepe-Hillo, o grande mestre do toireio sevillano, o garboso de *rumbo y de trueno*, compoz uma Arte de Toirear. Foi a coqueluche das guapas, como ainda agora acontece a outros toireiros em Hespanha, com a differença que, no seculo XVIII, as damas de raça fina não os abandonavam, como hoje, á mercê das Carmens que sabem fazer coegas nos corações masculinos, ou das Phryneas apreciadas pelos areopagos de gabinete particular. Pepe Hillo teve uns funeraes que eclipsaram, em solemndade, os de Lope de Vega.

Em epocha posterior, um dos toireiros mais donjuanasantes foi o *Chiclanero*, que dispunha de muitos arcos na sua corda sensível. Certa vez, ferido pelo escorpião do ciúme, correu a casa da amante, e encontrando lá o seu rival feliz — um poeta, atirou-o pela janella fóra, como quem joga uma bola.

A *real cédula* de 20 de Fevereiro de 1805 prohibiu as toiradas na Hespanha. Diz a duquesa de Abrantes (5) que o facto do principe da Paz (Godoy) ter prohibido as corridas de toiros correu, talvez, para acirrar o odio popular contra elle. Não obstante, Godoy era em tanta maneira affeiçãoado a este divertimento, que, frequentemente, se misturava com os lidadores no *redondel*, dando-se até o caso de, n'uma occasião, estar a pique de ser colhido, o que fez desmaiar a rainha Maria Luiza — escandaloso d'aquelles tempos.

Em 1830, Fernando VII — o retrogrado que dizia que a Hespanha era uma garrafa de cerveja, a que elle servia de rolha — ordenou o encerramento das Universidades e a abertura da Eschola Taumachica de Sevilha, cujas cathedras foram confiadas á regencia de Jeronymo José Candido e de Pedro Romero, o mesmo que veio a Lisboa com o picador Bertholdo Ximenez, quando se festejou o nascimento da infanta D. Maria Thereza em 1795. Mas, a breve trecho, a Eschola fechava as portas, visto não preencher o fim almejado por seu regio fundador. Aparece Montes, o mestre por excellencia, o professor classico, que, com o seu tratado taumachico, estabeleceu as verdadeiras regras de toirear.

Ainda ha pouco, *Guerrita* — o toireiro das gentilezas e das filigranas — era tão querido como o cantor que melhor sabe atirar ás galerias as esperanças de Fausto e o contentamento de Romeu; era acatado como um triumphador que já abriu as portas doiradas do templo da Gloria. O seu trabalho modernista fazia lavar um vasto incendio de admiração. *Lagartijo* e *Frascuelo* professavam o conservatismo na arte, *Guerrita* era um revolucionario, um innovador. Os *espadas* são os heroes do dia, aos quaes as pennas verbosas do jornalismo hespanhol consagram as mais bellas das suas folhas lançadas ao vento da actualidade; são deuses, a cujos altares até a poesia popular vem trazer a offerenda singela das suas rimas:

*Que lástima me ha dado
De ver a Hillo,
Rezando en la capilla
Del Baratillo.*

*Bien puede decir que ha visto
Lo que en el mundo hay que ver,
El que ha visto matar toros
Al señor Carro Guillen.*

*Ay! Qué pesa y qué dolor
Que se hay muerto el Chiclanero
Siendo el torero mejor!*

*Lagartijo tuvo a hijo,
Y quien metiera á fraile,
Y el chiquillo quiso ser
Torero, como su padre.*

*Adios, barrio de la Viña,
Plazuela del Mediodero,
Donde pára Rocamayo
Con «toitos» sus toreros.*

*Vaya! dos cueros juvenales:
La varis del Reguero,
Las patillas de Corrales.*

PINTO DE CARVALHO (Tinypo).

(1) *Hist. Gen. da Casa Real*. Tomo VII. (2) *Hist. Gen. da Casa Real* Tomo VIII. (3) *Bibl. Nac. de Lisboa Decimo a Dom Francisco Ronquillo pela perda na gloriosa batalla que venceu no Portoguezes*. Man. da Secção Pombalina. Codex 123. Ha mais as *Decimas aos Gloriosos successos que aluzam Portugal contra a Nação Francaza contra o General Ronquillo pelo Marquez das Minas na Beira*. Cod. 721. (4) *Bibl. Nac. de Lisboa. Coleção de poesias de diferentes auctores que ajuntou a curiosidade de José Freyre de Montenegro Mascarenhas*. Man. da Secção Pombalina. Cod. 131. (5) *Memorias da Duquesa de Abrantes*. Vol. V, pag. 442.

Granier e Hading



Jeanne Granier

AINDA no atordoamento dos sonhos que Sarah Bernhardt nos fez sonhar, na mesmíssima sala onde faiscam os mesmos olhos da decoração, onde lampejam os mesmos olhares, se cumprimentam as mesmas creaturas e se cochicham as mesmas intrigas, duas rainhas da opereta vão irromper, deixando de lado o trino gaiato, para declamar comedia...

Uma d'ellas, a Hading, é, consoante o clamor da maior parte, linda... E manda adeante a belleza, coarscante auriflamma, que sem falhar, lhe encaudará todas as platéas da Terra... antes mesmo que entreabra a bocca de carmin.

E bella como é, desenvolta, pratica no amor, parisiense *aux fines herbes*, saberá dar-nos na *Sapho* o insaciado amor da sua protagonista, a sua melancollia de *menagère*, o desespero da sua velhice prematura, a saudade da sua mocidade victiosa, tudo emfim que essa figura de Daudet synthetisa de saudade e de amor, tudo o emfim que essa simplicissima e por isso mesmo enorme creação d'esse delicado, nos arranca do coração e do cerebro. Porque ninguem ha que não tenha no rasto da sua mocidade, deixado sequeur uma gota de sangue n'alguem d'esses espinhos do caminho... quando n'esse caminho se mette a fazer *jongleries* com o musculo ocoo a que é de uso chamar-se coração.

E se tudo isso ella dér... essa bonita... se tudo ella souber dar... ninguem então, decerto, dirá ser caro... o preço porque vai ser admirada.

M.^{me} Jane Hading quando debutou tinha 3 annos! E debutou em 1864 em Marselha no *Boscu*, que se representava então no *Grand-Theatre*. Creio que já era linda... e trazia-se ao collo!

A outra a Granier:

**Nourrie dans le sérail de l'opérette et en connaissant les detours,*

conforme ella propria diz, vem na mesma esteira da riqueza e da fama.

Supponho que um avô meu a ouviu cantar, quando ainda—esse meu avô—não era pae de meu pae... E entretanto a Granier é nova... visto que nasceu em 1862... Um dos seus biographos acha uma explicação ao caso, que de resto me parece não precisar della: é que o encanto e a graça jámais envelhecem...

Cantou... cantou... e ninguem mais ladina e de maior finura nos á-vontade da *Filha de Madame Angot*, nem outra de mais intenção na delicadeza e perfume do *Petit-Duc*. Cantou... cantou... e para que mais tarde não lhe recitassem em surriada a semsaboria da fabula: cantaste pois dança agora... ia dançando tambem de quando em quando:

**un petit pas dans la Fille de Madame Angot, une reproduction de la Maccarna dans la revue des Variétés.*

que é ainda ella quem se auto-biographa!

Comediante por conseguinte de grandes recursos a supprimem a tal belleza peregrina que muito aqui para... os que a conheceram mais de perto... parece que nunca lhe fez falta enormissima.

Recursos grandes que lhe valeram e valem grandes triumphos. Os patrióticos que lhe descrevem sempre ao de leve a vida, nem sequer tem a lisonja chauvinista e gaulzeira de lhe chamarem bonita... umas vezes que outras acham-na encantadora... mas logo limpam as joelheiras da escorradella... achando-lhe superiormente *serre*.

Essa *serre* franceza denominou-se aqui, quando ha bem mais de dez annos M.^{me} Granier gorgeou ao marmore e ao granito d'esta cidade a sua *Angot* em pessimo gallicismo: *canallice*... havendo um critico lizido que deleitado e baboso, achou outro epitheto que disse ser lembrado por uma senhora antiga das suas relações... e que era succintamente este: *descaramento*.

Iremos sempre pela *serre*... porque de tal desharmonia na explicação dos seus encantos só se pôde deduzir que, se cantou, tambem não fez pouco cantar...

Vamos ouvir-a d'esta vez sem musica—ouvir-a nos *Amants* de Donnay—que creou no theatro Renaissance de Paris... Vel-a dar na heroína da comedia a mulher na sua trajetoria de estrella cadente... ir da paixão sem repugnancia até ao esquecimento... sem memoria...

Vel-a cheia de espirito e ardor e cheia d'indifferença... e espirito. Espirito, ardor e indifferença!

Crapula l'hesta que a femea amalgama para nos dar n'um espartilho arrendado vontade de a beijar...

O que por tres mil réis... é bem barato...



Jane Hading





Theatro D. Ametia

As recitas de Sarah Bernhardt

A Sarah! outra vez entre nós a Sarah!

Bem quizera eu agora aqui, acompanhando de *mon mieux* esse côro vibrante de saudações, com que toda uma cidade acolhe de novo a sempre Bemvinda artista, bem quizera também, mais uma vez, entoar para seu timbre e glória algum comovido canticão de religioso amor... Nervosamente desdobrar ante essa estupefante e escultural figura... artista que é toda uma arte, impenetrável, invasiável sphinge da attitude, da poesia e do genio, — toda a dulcerosa e amorosa angustia, todo o alado requinte de extase em que, ao vê-la, ao ouvi-la, se me desdobra e deliquescce a alma! Bem quizera marcar, fixar pela expressão, — e consagrar-lhe o hia eu? — o quantum de fascinação, de assombro, de sonho e de vertigem em todo o meu alvoreçado ser despertada e agita aquella privilegiada organização, "verdadeiro abuso do Creador... quer nas scenas leves, femininas, pela chloreada, pelo esplendor, pelo borboiteamento infantil, pela graciosissima estouvancia, pela mais esparta, perfumada e elegante exterioriação que é possível imaginar-se, da Mulher; quer na sombria aglomeração de tempestades, nas tremendas explosões de furia, na epilepsia fulva do desespero, nos arrancos *succedida da voz*, que são como um dilacerar de nervos, em que, na tragedia e no drama, poderosamente se accentua, desconjuncta, contorce e estala a colossal omnipotencia do seu genio.

Cabe-me porém n'este logar funcção bem mais restricta: tenho de dar apenas conta da impressõ ora arrancada á *sensibilidade* gasta do lisboeta pelas successivas recitas da grande e inconfundivel actriz.

Na primeira noite, 11, representou Sarah a *Tozca*, o que quer dizer que tirou d'essa formidavel carpinteria do horror os conhecidos effectos dilacerantes, sem contudo conseguir etheisar demasiadamente a plateia. Na segunda noite, *Fran Frois*, na qual estive felicissimamente exteriorisando de um modo verdadeiramente superior toda a evoluçõ psychologica do papel. A seguir, essa eterna e sempre actual *Dama das Camélias*, cuja interpretação a sublimar artista particularisou e estremece com singular desvanecimento; e é factõ que, nos ultimos annos, Sarah Bernhardt humanizou notavelmente a personagem de *Marguerite Gauthier*, desvanecendo o seu trabalho scenico de um certo numero de decorativos e artificiaes effectos, com que a vimos por demais preocupada ha quatorze annos, no Gymnasio, da primeira vez que ella veio a Lisboa... recommendada a Fontes, por signal. Agora é mais logica, mais real, mais simples, sem deixar de ser igualmente emocionante, e sempre dentro do *facies* romantico da peça. O publico applaude-a com delirio.

Na quarta noite tivemos finalmente o

Hamlet

Mas aqui teria eu de escrever, não um simples artigo, porém dezenas de paginas, um volume inteiro, se quizesse, ainda que só muito pela rama, dar a nota da esmagadora multiplicidade de imponente e deliciosa das torturas, esse tortentoso trabalho me embalou e tenalhou a alma... E o caso é que eu não vi nada, n'esse tão infidito e avassalador debarato de maravilhas, nada do que, para a figuraçõ scenica do torturado personagem shakespeareano, a tradiçõ classica do ha muito consagrou. Não vi nada, — e ainda bem! — de consagrado, nenhum d'esses invariaveis *clichés* que, mais ou menos ampliados, e solememente afericidos no estallão official de Irving, todos nós temos visto abi assim reproduzir, sem discrepancia, a todos os artistas, — Salvini, Rossé, Emmauel, Novelli, o nosso Brasileiro, Nada d'isso agora. Novos, mais amplos horizontes se rasgaram. Sarah foi mais longe: mergulhou a dentro, bem no amago d'aquella sorprendente creaçõ; mais fundo e melhor do que o proprio Novelli, com todo o seu meticuloso poder de analyse, conseguiu fazer.

Mas entõ que coisas novas, pessoas, inesperadas, nos trouxe ella? Acrescentou á complexidade de caracter do extraordinario

principe alguns detalhes que o completam; ou limitou-se a phantasiar, a deixar-se alto e longo vogar pela imaginaçõ na aza traçoira do paradoxo ou da incoherencia? Perdeu-se acaso n'algum delusmbrador e falso caminho?... De modo nenhum. As suas soluções, a sua comprehensõ são perfeitamente logicas. Adaptam-se, cabem e enrolam-se com admiravel justeza no caracter do personagem. Estão inteiramente dentro d'elle e da peça. De sorte que, assim, o trabalho de Sarah no *Hamlet* é ao mesmo tempo uma assombrosa obra de arte e um relampago genial de intelligencia. E contando o nosso publico, como já anteriormente o portonez, o italiano, o madrieno, acolheu com relativa frieza a hollandesa exhibiçõ. Meu Deus! sonda-me levaria a deprimente classificaçõ do factõ, se eu o quizesse capazmente explicar... Adeante!

Hamlet é o personagem shakespeareano mais subjectivo, de mais ampla representaçõ da alma. Nada, em toda essa galeria gigantesca, mais complexo, mais apparentemente contradictorio, mais requesamente de verdade, mais funda e insondavelmente humano do que essa absorventissima figura, a quem a duvida revolte, — esse vago perfil sombrio, tragico, desvairedo, cambaleando sobre a ruina rasa das suas illuções varrido por um grande vento de insanía, arrebatado agora pelo impeto desgredhado da vingança, e logo retido na quietude fremente da eterna hesitaçõ, n'um paralyzante sonho de incerteza... Qual de vós, ao lêr, ao vêr em scena figurada essa tragedia-abysmo, não sente as suas extranhas figuras agitarem-se ao sopro d'esse *je ne sais quoi d'effrayé et de terrible*, de que falto o genio dos *Misericordes*? Qual de vós, a quem a epiphã de *Hamlet* não foge da banda a banda varrido a alma, — devassando cruentamente, anottando, deixando-lhe impavemente a nu o texto complicadissimo, debruçado a gargalhadas ou destino em lagrimas, riscado e torsionado de entrelinhas, que a dentro da consciencia vos tumultua e refere mysteriosamente!

Hamlet é a alma transcendente, a alma abstracta e visionaria, a alma universal. O poeta objectivo — porém, concretisou a n'esta dualidade bem rigorosa e bem simples: — Um epileptico mental dentro d'um impotente volitivo, a hyperemia do pensamento em luta com a adynamia da vontade. Tem sido moda, — e também está na tradiçõ, — dizer que o *Hamlet* é uma creatura refractaria á analyse, nebulosa, indecifavel; e todavia quanto este modo de vêr tem de convencional! Para mim o personagem, dentro da integraçõ que acabo de definir, resulta perfeitamente claro e nitido. Mais: no decurso de toda a peça, cada phrase, cada rubrica, cada intençaõ concorre sempre a fixarem-n'o sob esse aspecto. Assim o entendeu Sarah; compô-o, estudou-o, reproduziu-o assim. E porque fez um trabalho novo e de verdade, e com essa extraneza, não agradou, apenas colheu uns tardios applausos, todos cheios de retencias. Afinal não ha por que espantar do phenomeno: elle é da toleima de todos os tempos.

A parte gommosa, elegante, frivola do publico não gostou, porque está habituado a ouvir cantar-lhe deliciosamente no ouvido a voz de oiro de Sarah, voz que esta teve e chamou extraneza, não agradou, apenas colheu uns tardios applausos, todos cheios de retencias. Afinal não ha por que espantar do phenomeno: elle é da toleima de todos os tempos.

A parte gommosa, elegante, frivola do publico não gostou, porque está habituado a ouvir cantar-lhe deliciosamente no ouvido a voz de oiro de Sarah, voz que esta teve e chamou extraneza, não agradou, apenas colheu uns tardios applausos, todos cheios de retencias. Afinal não ha por que espantar do phenomeno: elle é da toleima de todos os tempos.

Mas de seguro eu não terminaria se quizesse tão sómente enumerar a maravilhas, a infinita somma de pathetico que a portoneza Sarah accumulou e desdobra n'este seu trabalho. Tudo, tudo all foi esgotado, pormenorizado e feito viver em scena com meticuloso cuidado e fervoroso amor. Partiu ella d'este principio bem simples: realizar um caracter indico, brande, reflectido



Sarah na scena do cemiterio de Hamlet



Silva Pereira

(Do Theatro da Rua dos Condes)

nuncia-se n'um instantaneo gesto a mulher. Ella trouxe-nos porém, da formidavel criação shakespeariana, a mais completa e humana das interpretações, até hoje formuladas, ella extrahiu d'essa figura inextogavel maior quantidade de emoção que qualquer dos interpretes anteriores; e isto é bastante, supponho eu, para frisar a superioridade do seu trabalho, e para a sagrar definitivamente como uma das mais vibrantes, complexas e agudas organisações artisticas de que ha memoria, em todos os paizes e em todos os tempos.

Do resto da companhia não vale a pena falar. Quasi tudo menos de insignificante. Aquella pobre rainha de exportação, ao declamar perante o cadaver de *Ophelia* a sua monotona tirada, lembrou-me as ingenuas inflexões de collegial com que, no meu tempo de creança, era de uso fazer recitar aos rapazes o sabido texto da *Phedra*:

A peine nous sortions des portes de Trévis...

Entroutanto, M.^{me} Seylor na *Ophelia* e Mr. Magnier no *Laertes* houveram-se muito discretamente.

O scenario, guarda-roupa, marcação e conjuncto, muito afinados, sobejamente mostram o pulso de *élite* de quem tudo ordenou e dirigiu.

ADEL BOTELHO.

Rua dos Condes

O filho do commissario de policia

O exito obtido sempre e em toda a parte, pelo *Commissario de Policia*, a mais laureada e a mais feliz de quantas obras de teatro produziu o inextogavel espirito de Gervasio Lobato, era um escolho e uma difficuldade quasi insuperavel para quem se abalancasse a continual-o.

E grande merito revela incontestavelmente o autor de *O Filho do Commissario de Policia* não só por conseguir não nos obrar na empresa que sobre os hombros tomou, como tambem por arrancar palmas a uma plateia, na maior parte composta d'aquelles que mais applaudiram a graça esultante de Gervasio Lobato.

Expressa com a maior sinceridade esta opinião, seria ella incompleta se não dissessemos ao sr. Xavier Marques — que nos parece fazer as suas primeiras armas na arte de escrever para o theatro — que todo o erro no seu trabalho está exactamente no que constituiu a sua preocupação. Nos *motis d'esprit*, no jogo e effeitos comicos da palavra, quiz imitar Gervasio, e Gervasio n'este campo era inimitavel. Elle não tinha, bem o sabemos, o espirito gauliez, analytic e scintillante, não tinha a velha graça portuguez, cuja ausencia já o grande Camillo amargamente lamentava, mas tinha um processo todo seu de arrancar successivamente gargalhadas a uma plateia, facil ou exigente, tinha n'um alto grau, como ainda escriptor algum attingiu, o que pôde chamar-se: o talento do disparate. Ora quem n'este terreno quizer acompanhar-o, ha para traz irremediavelmente.

O sr. Xavier Marques tem na sua peça pronunciadas qualidades de escriptor de theatro. Freyara com facilidade a scena, sabe encontrar situações comicas, não desenha mal os personagens, faz com habilidade o *camerão* da peça, dialoga bem, e estas aptidões bastam para marcar logar a um escriptor que começa. Da sua comedia ressaltam estas qualidades, mas o esforço constante de procurar a graça que não encontra, por completo lh'as abafa e afoga e ao, lançando mão das personagens que já encontrou, dando-lhes uns retoques, movendo-nos n'outra acção, e procurando novas situações, limitasse a isto o seu trabalho, não teriamos nós que vir, de oculos na ponta do nariz, e lenço de Alcoaça na mão, dar-lhe

uns conselhos caturras, que faz muito bem em não acceitar, mas que nos livram de um certo peso de consciencia. Tambem com a mesma franqueza dizemos que para um rapaz que começa, o 2.^o acto é uma revelação magnifica, porque está traçado perfeitamente e reune muitos elementos de agrado.

No desempenho distinguio-se, é claro, o Valle, o nosso grande actor comico, que continuou o famoso papel do commissario, com a mesma verve e o mesmo successo. E de lado do d'elle, o excellent trabalho de Silva Pereira, Jesuina, Gomes, Lucy e Emilia Rochedo.

Príncipe Reat

A hexágona

Luiz Pericaud e Stephen Lemonier fizeram uma peça completa no genero. E dizemos completa porque apesar de não ter os matadores em que abundam as suas antecessoras, apesar de não ter sangueira que se veja, nem punhaes ou facas de assassinos, tem todas as condições para agradar a plateias populares. E só assim se comprehende o exito de *A hexágona* no Príncipe Reat.

É certo que para elle contribuiu em larga escala o talento mallevavel de Adelina Ruas, que faz a protagonista, enamorando-se tanto do papel, que escolheu a peça habilmente traduzida por João Soller, para a noite da sua festa. Cheia de situações que se succedem com interesse crescente, desdoadoramente n'uma acção que tem constantemente presos os olhos e os ouvidos do espectador, e acabando, como alias é do estylo, por mostrar a virtude triumphante e o vicio esmagado, *A hexágona* conta uma victoria em cada representação. Esta personagem é muito bem comprehendida por Adeline Ruas, que tira das principais scenas effeitos seguros.

Uma actriz que tem futuro é Rosa de Oliveira, que de um papel antipathico e difficil se sahio muito bem. E injusticia seria não collocar ainda na primeira linha Pato Moniz, muito correcto no papel de marido atraído, Roldão, Luciano, e Elisa Aragonéz.

Não ha duvida que a empresa do Príncipe Reat sabe escolher peças para o seu theatro com um tacto invejavel... para outras empresas.

Eugenio Veldeman
(Clown do Colyseu dos Recreios)

Colyseu dos Recreios

Companhia equestre acrobatica e comica

Maré de celebridades e attractivos. Ninguem é capaz de saber de que boceta extrair todos os dias uma novidade a vara magica de Santos Junior.

Hoje Mademoiselle Nelsa, a afamada *chanteuse*, que o publico applaude calorosamente todas a noites.

Logo a seguir os irmãos *Gérard*, dois dos mais interessantes clowns musicas que n'aquella sala tem apparecido, e quasi ao mesmo tempo, os *Homens de fogo*, phantasticos e diabolicos, como dizem as *reclames* dos jornaes, e a troupe *Trevally-Chiesi*, de grande pantomima-comica-excentrica-acrobatica.

De fórma que se ha salas de espectáculo

onde se chora, e outras onde se pensa, e outras onde se não faz uma coisa nem outra, e outras

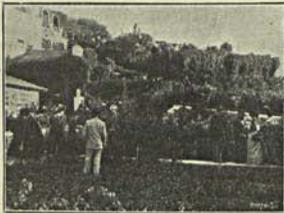
onde a gente se aborrece, o Colyseu dos Recreios é aquella onde, todos, plebeus e nobres, desopilam o ligado e recreiam á farta os olhos, sem magoarem o espirito E... *ecco il problema*, cuja solução se deve incontestavelmente ao homem que herdou de todos os empresarios celebres o segredo impagavel e rendoso de attrahir todas as noites a uma das mais vastas casas de espectáculo que hoje existem na Europa toda a sociedade de Lisboa, desde a mais elegante á mais humilde.

M.ª Eva
(Do Colyseu dos Recreios)

NOTAS DA QUINZENA

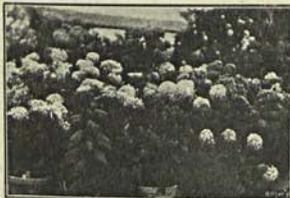
Exposição de crysanthenos

De ha dois ou tres annos para cá, o vicio, chamado assim, do crysantheno tornou um desenvolvimento assustador. Não ha ninguem que tenha um pequeno quintal, uma pequena varanda, seja o que for, onde caiba meia duzia de vasos, que se não dedique ao cuidadoso cultivo do crysantheno, e se não esforce por apresentar, chegada a occasião, o mais bello exemplar da flor, o crysantheno mais bonito, mais deslumbrante, mais gracioso.



O jardim Daupias

Chegado o fim do outono, quando começam regressando das praias a gente conhecida, quando as ruas de Lisboa começam readquirindo a sua animação do inverno, quando começam a abrir os theatros e quando está proxima a temporada de S. Carlos, abrem se as exposições de crysanthenos. E tantas são!



Um recanto da exposição

Em recintos reservados dos jardins publicos, como o da Escola Polytechnica, em estabelecimentos de floricultura, como o do sr. Daupias, e em jardins particulares, são expostos os mais bellos exemplares, productos de cuidadosos cultivos e metuculosos enxertos.

E os visitantes são numerosas, e as bellezas dos crysanthenos são discutidas, com calor, com entusiasmo, com paixão mesmo. Entre as exposições que se estão fazendo em Lisboa, deve-se citar como notavel pela belleza a variedade dos exemplares expostos, a do sr. Daupias, exposição feita n'um delicioso jardim, de que damos um aspecto.

A chegada de Sarah Bernhardt

Não teve commissões numerosas a recebel-a, não aguardavam a sua chegada deputações encasgadas, aneando por lhe offerecerem um bouquet e... um discurso.

Apenas um pequeno numero dos seus admiradores a esperavam na gare, para lhe dar as boas vindas.

Appareceu um bouquet, mas um bouquet lindissimo, offerta gentilissima do sr. visconde de S. Luiz de Braga, director do theatro D. Amelia.

Appareceu esse bouquet, que a grande actriz recebeu sem recear que fosse prenuncio d'um discurso laudatorio.

Recepção cordal e entusiastica, e, significativa, e, claramente, bem agradavel para Sarah Bernhardt, não pela quantidade de admiradores que a esperavam, mas pela qualidade...

O caso de peste em Lisboa

O dr. Camara Pestana, director do Instituto Bacteriologico de Lisboa, que fôra ao Porto estudar os effeitos do sôro Yersin nos casos de peste bubonica, regressou a Lisboa na noite de quinta feira, 9.

Na tarde de 10, sentiu-se muito incomodado, e como percebese em si, symptoms caracteristicos de peste bubonica, mandou prevenir o sr. governador civil, D. João d'Alarcão, de que segundo todas as probabilidades estava atacado da terrivel moléstia, e aconselhando o a que tomasse as mais rigorosas medidas para que o mal se não propagasse.

O governador civil mandou immediatamente isolar o predio em que o illustre bacteriologista habitava, no Campo de Sant'Anna, 118, e depois de ter dado ordem para que o enfermo fosse recolhido ao Hospital de Arroyos, e todos os moradores do predio, ou pessoas que acidentalmente n'elle se achassem, fossem para o Lazareto, mandou desinfecar o predio e proceder a todas as sciencias aconselhadas para estes casos.

Estas ordens foram rigorosamente cumpridas, não havendo o minimo protesto nem relutancia da parte dos moradores do predio em seguirem para o Lazareto, onde tinham que estar em quarentena rigorosa durante 8 dias.

O hospital de Arroyos, cuja entrada publicamos em gravura, fôra já escolhido pela Junta de Saude para recolhimento dos pestiferos no caso de a epidemia apparecer em Lisboa.

O dr. Camara Pestana foi recolhido no melhor quarto do hospital e á sua cabeceira ficaram velando como enfermeiros dedicados e medicos competantissimos, os drs. Rezende, Bello e Moraes, que o tinham acompanhado ao Porto.

O estado do dr. Pestana é grave, e a todo o momento se receia um desenlace fatal. Este acontecimento produziu em Lisboa dolorosissima impressão porque o dr. Pestana é muito estimado e considerado por todos.



O predio n.º 118 do Campo de Sant'Anna



A chegada de Sarah á gare do Rocio

A' ultima hora

Quando a nossa revista ia entrar na machina, recebemos a noticia da morte do illustre bacteriologista.

Falleceu á uma hora da tarde do dia 15. Apesar de se saber que era gravissimo o estado do eminente homem de sciencia, considerando-se absolutamente sem esperanza de salvacão, a noticia da sua morte produziu uma profunda impressão em todo o reino.

Desde a vespera que o estado do illustre clinico era considerado em extremo desesperado.



Dr. Camara Pestana



Entrada do Hospital d'Arroyos

Apparecera lhe um búbão no pescoço, e este symptom a dos que não illudem medico algum. A morte é certa.

O dr. Pestana conheceu o seu estado e disse: Estou perdido irremediavelmente. No dia seguinte falleceu.

No proximo numero publicaremos o retrato do illustre homem de sciencia, acompanhado por um artigo d'um dos nossos mais illustres medicos que é ao mesmo tempo um notabilissimo escriptor.

N'esse mesmo numero daremos tambem, em gravura, varios aspectos do Hospital de Arroyos, onde falleceu o illustre bacteriologista.

Essas gravuras serião acompanhadas por um artigo descriptivo, devido á pena d'um dos nossos mais illustres colaboradores.



BRASIL—PORTUGAL

Impressão na Typ. do Commercio
TRAVESSA DO SACRAMENTO AO CARMO, 3 e 7

REVISTA QUINZENAL ILUSTRADA

Editor — LUIS AVORNIO SAKRES
Redac. e administr. — R. Ivens, 52 — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL.		PORTUGAL.	ILIAS, AFRICA E ESTRANGEIRO
Anno.....	Impoeda brasileira).....	Anno.....	Anno.....
Numero avulso	25.500	6 mezes.....	6 mezes.....
		3 mezes.....	Numero avulso.....
		Numero avulso.....	
		2.800	1.800
		4.800	4.800
		2.800	3.000
		2.400	

SUMMARIO

Chimica electrica — BRASIL-PORTUGAL.
Liza dos Estudantes brasileiros.
Civilisacão e assistencia dos Alienados — DR. MIGUEL BOW-
BANDA.
Uma visita a Hillshofes — JAYME VICTOR.
Ny Alto Mito — FAVORITO DA FORTUNA.
Cação portugueza — MÉRICA DE OSCAR DA SILVA.
A guerra de Africa Austral — AUGUSTO DE CASTILHO.
Idylls tragico — YASARI DE ESTADOS AUGUSTO VIGAR.
Chimica d'outros tempos — AS TORREAS — FERRO DE CARVALHO
(Traga).
Granier e Hadling.
Theatros — ARRL HOTELLO.
Notas da quinzena.

Paginas supplementares

Os nossos correspondentes.
Lorjô Tavares, na Bahia.
Referencia facil — OSVATZ.
Reseitas.
Horta d'horto.
CARTAZ DA QUINZENA.
Hortos e jardins.
Curiosidades.

37 ILLUSTRAÇÕES

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem
ja os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO — Coronel Theodulo Pops
de Moraes e José Martins Fello, Rua da Alfandega,
4, sobrado.
FEBNAMBURO — Leopoldo A. da Silveira.
PARÁ — Manuel Ferreira Santos Junior (cu-
sa Very Well).
MANAOS — Lino Aguiar & C.
MARANHÃO — Leoncio J. de Medeiros & C.
CEARÁ — Salles Torres & C.
BAHIA — Sousa Vianna & C.ª Rua dos Ovi-
vos, 2.

Em Africa

BOLAMA (Guiné) — Cesar A. Gouveia da
Silva Homem, thesourciro geral da Provincia.

MOSSAMÉDES — José Maria Pereira, escri-
vão e tabellião.

QUELIMANE — Henrique Lima, administra-
dor do Concelho.

No continente

PORTO — Livraria Moreira, Praça de D. Pe-
dro.

EVORA — Luis Freire Correia, director da
fiscalisacão dos tabacos.

PONTE DE LIMA — Lima, Amaral & C.ª

A Empresa BRASIL-PORTUGAL espera
dentro em pouco completar a relação dos
seus correspondentes em todos os Estados
do Brazil, e em Portugal e colonias.

Com elles se poderão entender directa-
mente todos os srs. subscriptores e lei-
tores do BRAZIL-PORTUGAL.

Lorjô Tavares na Bahia

Penhorante e bem significativa foi a recepção
que na Bahia teve o nosso querido amigo, Lorjô
Tavares.

Todos os jornaes lhe dedicam palavras de
extrema consideração e todos elogiam as preciosas
qualidades da sua intelligencia e do seu caracter.
Quanto essa recepção foi agradável e penho-
rante, podem os nossos leitores avaliar o pelas
transcripcões que fazemos de alguns dos jornaes
bahianos:

A Bahia dedica ao nosso querido collega e á
revista que elle representa, as seguintes palavras
Tivemos hoje o prazer de receber a grata vi-
sita do director da excellente revista BRAZIL-POR-
TUGAL, Lorjô Tavares, chegado a esta cidade
sabbado passado, a bordo do Danube.

Nome que por si mesmo se apresenta, o illustre
colliga, em viagem de propaganda do seu
magnifico jornal, terá experimentado em toda a
extensão da terra brasileira já percorrida, a grata
impressão reservada áquelles que, por verdadeiros
meritos, conseguiram vencer as fronteiras
do seu proprio pais, conquistando a través do
oceanico distinctas sympathias e invejavel concel-

to. Foi por isso que o recebemos como se fôr
um antigo amigo e ao separarmos-nos podemos
assegurar lhe com sinceridade de coração que
bem esperavamos vel-o outra vez entre nós.

O Jornal de Noticias tambem da Bahia, escre-
ve o seguinte:

Chegado da capital federal, no sabbado, a
bordo do paquete ingler Danube, deu-nos hon-
tem o prazer da sua visita o nosso confrade de
imprensa Lorjô Tavares, nome bastante conhe-
cido, e director da importante revista Brasil-
Portugal, um jornal feito á moderna e com apre-
ciaveis recompensas para os seus leitores, no to-
cante a finas gravuras e excelente texto. Lorjô
Tavares, que já tem percorrido os principaes es-
tados brasileiros na propaganda da folha que re-
presenta, veio a esta capital para o mesmo fim,
apresentando-lhe as nossas saudações.

O Diario de Noticias dedica-lhe as seguintes
palavras:

Tivemos hoje o prazer de abraçar, o talentoso
jornalista portuguez sr. Lorjô Tavares, fundador
da importante revista quinzenal illustrada Brasil
Portugal, que dirige com Augusto de Castilho e
Jayme Victor, dois nomes muito conhecidos no
mundo das letras.

A servico de propaganda da mesma veio o il-
lustre collega ao Brasil, tendo ate ao presente
percorrido todos os Estados do norte, a comecar
do Pará.

Somos muito reconhecidos a s. s. pelos gra-
daveis minutos de boa palestra que nos propor-
cionou, e pela delicada offerta de uma collecção
da interessante revista, dadia por nós reputada
de grande valor artistico e estimativo.

Artigos selectos compõe o texto da esplendida
revista, sempre enriquecida de illustrações, que
não perdem em cortejo com as de outras im-
portantes publicações congeneres.

Não fechamos esta noticia sem declararmos
que fazemos votos sinceros pela efficacia dos
esforços do sr. Lorjô Tavares, na afanosa mis-
são de que incumbi-se.

No dia seguinte publicava o mesmo jornal a
seguinte gazetilha:

Ao Lorjô Tavares, director da
magnifica revista — Brasil-Portu-
gual.

Lavrê um tento, senhor Lorjô Tavares,
Vi a sua bellissima revista;
Não exagero, não, prima, inter pares,
E' coisa nunca vista.

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

RECEITAS

Que adoráveis, que nítidas gravuras,
Que lindas poesias!
Não lhe hão de faltar assignaturas,
Não lhe hão de faltar as sympathias.

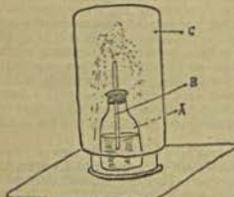
Hyphen de luz entre dois povos gêmeos,
Honra das Bellas Artes portuguezas,
Mercedora de grandes premios
Quem na Imprensa faz tantas proezas.

DIABOLINO.

—1808—

Sciencia facil

REPUCHO BARATO.—Toma-se um pequeno frasco (A) que se enche de agua até ao meio. Fecha-se muito bem por meio de uma rolha atravessada por uma palha de centeio que vi mergulhar até ao fundo do frasco (A) subindo pelo tubo de vidro (B) affilado n'um das extremidades.



Toma-se em seguida um grande frasco como os dos pharmaceuticos (C) e rafez-se o ar queimando dentro alguns papeis. Em seguida tapa-se o frasco pequeno com o frasco (C) evitando a entrada do ar dentro d'elle por meio de varias folhas de papel mata-borrão humido. Logo que o ar interior resfria um pouco deve a agua que está dentro do frasco (A) subir pelo tubo (B) e formar um repuchão no interior do frasco (C).

HYDROSCOPIO FALLANTE.—Tem o nome de hygroscopio um instrumento que tem por fim indicar a grande humidade do ar; ordinariamente fundados sobre a dilatação d'um corpo pela humidade e contracção pela seccura.

Ha em todo o caso certos saes que tem a propriedade de modificar a sua cor conforme o grau de humidade. Está n'estes casos o chlorêto de cavallo e é a este que vamos recorrer para a construcção do nosso hygroscopio.

Prepara-se uma solução de chlorêto de cobalto, sal de cosinhas, e gomma arabica em agua; por outro lado collam-se n'uma folha de cartão duas folhas de papel, uma azul outra cor de rosa.

Escrevem-se depois as seguintes phrases: no papel azul, *leva o guarda-chuva*; no papel cor de rosa, *leva a bengalia*.

A tinta empregada é a composição cuja receita damos acima.

O leitor tem vontade de ir dar um passeio. Não tem mais que consultar o hygroscopio que elle lhe dirá o que ha-de levar. Sepponhamos que o ar está carregado de humidade (indicio de chuva). A composição torna-se cor de rosa e por consequencia a phrase escrita no papel cor de rosa não apparece vendo-se pelo contrario a phrase escrita no papel azul. Se o tempo estiver secco a composição torna-se azul e vee-se então a phrase escrita no papel cor de rosa.

ORAYAL.

Dê-me uma esmola, pede um mendigo a um transteunte.

—Não pôde ser.

—Então já sei o que me resta fazer.

O transteunte, com remorsos, corre atraz do pobre e dá-lhe cinco mil réis.

—O que ia fazer, desgraçado, se lhe não desse nada?

—Ia trabalhar.

Conservação do caldo

Torna-se muitas vezes difficil conservar o caldo durante o verão d'um dia para o outro; accida, ou toma mau gosto. Um dos meios de conservação é fazel-o ferver pela manhã e à noite; mas é muito mais simples deitar-lhe dentro um bocado de carvão de sobro ou cepa bem calcinado e bem lavado. N'estas condições resiste, em bom estado, no meio dos mais fortes calores.

Compoza de pecego á portugueza

Cortem-se ao meio sete ou oito pecegos quasi maduros, aos quaes se tirará o caroço, arrumando-se em um prato com assucar ralado fino por baixo e por cima. Cobertos com uma tampa, põem-se sobre lume branco, com fogo em cima, e deixam-se cozer pouco e pouco. Em estando cozidos e gijaçados de boa cor, servem-se quentes.

Vinho espumoso

Outro processo: dissolve-se em banho-maria assucar candi puro, em seu peso de vinho branco, derrama-se depois este xarope no vinho branco, que se quer tornar espumante, na proporção de tres litros de xarope para 100 litros de vinho, e agita-se com força e por bastante tempo a mistura, para que absorva ar e o xarope se distribua bem. Ajuntam-se ainda seis a oito grammas de tanino dissolvido em alcohol; no dia seguinte procede-se á collagem e oito dias depois ao enfarfamento. No fim de alguns mezes o vinho está perfeitamente espumante.

Passando por uma confitearia Bébé e sua mãe, uma senhora chamou a pequenina e deu-lhe um bom bocado, que ella começou logo a comer.

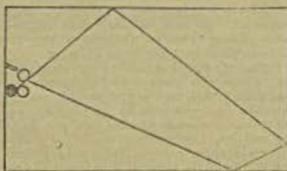
—Então, Bébé, como é que se diz? reprehende a mamã.

—Quero outro!...—respondeu a menina com a bocca cheia.

Horas de ocio

O BILHAR

Carambolas de phantasia



Charadas em verso

Mata — 3

Mata — 1

Nao luto, nas galas,

Tio, tio, tio, tio!

Nos templos, nas salas,

Tio, tio, tio, tio!

G. A.

Por matar soffo castigo — 1

Por matar é oprimido — 2

Pelo homem nullo vazo,

P'ra matar é procurado.

Apezar de mythologia

Dessa sou.

Ante mim a propria logica

Se humilha — 3

Se Timão castos em dolo

Esta bella,

En não sei se hoje se pôde

Vô-la a ella. — 2

Ha uma certa altareira

Em que li...

Nào me occorre a todo ao bilhar

Mas já vi!

Uma lhe chamam sacrilegio
Sem equal;
E outra — poder egrejo
Do mortal...
*Pela se em ergo á noite as tempas
*Fuzerarias
*E demperio d'essas campas
*Centurias
*MI espectro que domina
*Com a voz
*E me dizem o destino
De entre nós...

NÃO DUVIDES! Na escriptura

Mesmo a rido,

Lá achas a creatura

Do meu lado.

*E' um pronome — 1

*E' animal — 3

*De serie periodo

*Ponto final.

Charadas novissimas

E' espelho que anda a correr — 2, 1.
No salas e nos mazzas pertence ao rei. este homem — 1, 1, 1.
Esta estrella está nas circumstancias de ser magistral — 2, 1.

D. HENRIETTA DE MATOS.

Governa este passaro de Africa — 3, 2.
A' entrada este instrumento mette respeito — 1, 3.
O marido do Tojo é instrumento — 3, 1.

Pergunta enigmatica

Qual é o instrumento que todos temos?

Enigmas

(Suppleto de copias)

T. d. x. x. q.
m. q. . p. p. l. a.
m. m. d. d. m. i. y. h.
S. b. D. x. d. q.

Salto equestre

da	fo	tro	co	pl	res	mo
el	mo	e	des	á	de	sem
ha	de	del	res	ver	co	mo
so	a	sem	*	ra	á	ta
a	mo	fo	da	res	a	de
e	fo	fo	ven	do	vir	mo
as	ju	da	da	Co	ta	des

Começa na taxa 1.

Decifrações do n.º 13 do BRASIL-PORTUGAL

Das charadas em verso.—*Alphato, Lobo, Ametjo.*
Das charadas novissimas.—*Salomina, Duperio, Guardalana, Fuzado, Alvaro, Codofito.*

Das logographias.—*Rejo, Rio, Effe.*

Advertencia.—Nas publicações as decifrações do logographio novissimo e a do primeiro enigma do referido n.º 13 do Brasil-Portugal, visto terem cabido nos algumas irregularidades que rectificamos no n.º 16. Publica-as-hemos no n.º 22

Correspondencia em miniatura

J. M. C. (Lilho).—Tem razão: lavro lá dois tentos! Na 2.ª casa do logographio novissimo publicado no n.º 16 ha um Y que não devia ser um I.

Agora adivinha:
Neli da pade (Lilho).—Sabes, não devias nas as charadas que resmetem não frescas, não ha devida! Mande coiza melhor ailla um seu crendo... Paro de trasladagem coiza su.

Arceita? (Aluro).—Com muito gosto. Não vão hoje por ter já a sceção fechada.

F. A. DE MATOS.

N'um baptizado:
O prior pergunta ao padrinho que nome quer pôr á criança.

— Tigre.

— Isso não pôde ser! Então uma criança com o nome de uma fera?!

— E o papa não se chama Leão?

Os homens nada ganham em serem vistos de perto. A perspectiva é o que mais lhes convém.—*Livry.*

O CARTAZ DA QUINZENA



S. Carlos. — Ainda não é nesta quinzena que abre. Segundo dissemos no nosso ultimo numero, a notabilissima actriz Réjane deve estreiar-se em S. Carlos no dia 4 de dezembro.

Na *troupe* que vem com Réjane contam-se artistas de muito valor.

As peças que representam são as seguintes: *Zafra*, de Bertou e Simon; *Frou-frou*, de Meilhac e Halevy; *Maconcousine*, de Meilhac e Halevy; *Madame Sans-Gêne*, de Sardou; *Sapho*, de Daudet; *Lolotte*, de Meilhac e Halevy; *Divorçons*, de Sardou; *La Parisienne*, de H. Becque.

A *troupe* de Réjane é composta pelos seguintes artistas:

Meslames; Andral, Baudin, Bernou, Crozet, Brevally, De Beaulieu, Demarys, Dulac, Gerard, Houdon, Mayer, Moyleto, Morlet, Viarny e pelos senhores: Bordats, Brevally, Charpentier, Demory, Frank, Albert Mayer, J. Volyns, Lauret, Leubas, Manloy, Maury, Montoux, Numes, Peltion.

A Empresa não fez assignatura especial para as recitas de Réjane. Além das 50 recitas ordinarias da epocha lyrica haverá mais 18 recitas extraordinarias, 6 das quizes serão com as representações de Réjane e as outras 12 com as estreas dos principaes cantores e primeiras recitas de operas novas.

D. Maria. — No dia 18 para estrea, nesta epocha, da actriz Lucinda do Carmo, representa-se no theatro de D. Maria a *Hospedeira*, comedia em 3 actos, de Goldoni, traduzida pelo sr. Mello Garreto.

A distribuição dos papeis é a seguinte:

Mirandolina.....	Lucinda do Carmo.
O cavalheiro de Ripáfrala.....	Carlos Santos.
O Marquez de Forlipopoli.....	Joaquim Costa
O conde de Albaportoria.....	Fernando Maia.
Fabricio (creado da hospedeira).....	Manuel Nobre
O creado do cavalheiro.....	Francisco Sampsio.

Nesta mesma noite representa-se tambem, pela 1.ª vez, a peça em um acto, original sr. Portugal da Silva, *O Sacrificio*.

A distribuição dos papeis é a seguinte:

Luiza.....	Virginia.
Manuel.....	Augusto de Mello.
Carlos.....	Ferreira da Silva.

Os espectaculos d'esta quinzena, isto é, até no dia 1 de dezembro, serão compostos por estas duas peças, salvo caso de força maior.

O theatro dará espectaculo ás terças quintas, sabados e domingos. Continuum os ensaios do *Frei Luiz de Souza*, a obra prima de Garrett.

D. Amelia. — Depois das recitas de Sarah Bernhardt, a companhia Rosas & Brazio representará o *Hamlet* e *Minha Nora*.

Nos dias 24 e 25, parte d'esta companhia dará duas recitas em Coimbra, e nos dias 26, 27 e 28 em Aveiro, onde representará as peças *João José*, *Margaret de Villener* e *Marechal*.

Nessas noites realisar-se hão no D. Amelia as recitas das actrices Geniar e Hading. No dia 20 realisa-se o beneficio do actor Luiz Pinto.

Trindade. — Enquanto se fazem os ultimos ensaios da operetta phantastica, *Relogio Magico*, cuja primeira recita se realisa no dia 1, vai este theatro representando as peças *Testamento da Velha*, *Hotel de Livre Cambio* e a revista *Oh!!!... á pretá*.

O *Relogio Magico* é uma deliciosa imitação que Eduardo Garrido fez da magica ingleza *Rothomago*, e para a qual Cyriaco Cardoso escreveu excellente musica. Não é preciso dizer mais nada, para que todos fiquem sabendo que o *Relogio Magico* vai ser a peça da epocha de inverno, e que não sahirá tão cedo do cartaz.

Gymnasio. — A companhia do Gymnasio continuará durante esta quinzena representando as peças mais applaudidas do repertorio antigo.

No dia 24, representa pela primeira vez nesta epocha a comedia *Jucunda*, a deliciosa peça do nosso collega Abel Botelho, que em épocas anteriores alcançou um enorme successo.

A distribuição dos papeis na *Jucunda* é a seguinte:

Jucunda.....	Beatriz
Aurora Nagorello.....	Barbara
Josephina.....	Sophia Santos
Maria Augusta.....	V. Farrusca
Adelia.....	Aida
Fabricio.....	Soller
Henrique Sarmento.....	Telmo
Aristides de Campos.....	Annibal
Fulgencio Nagorello.....	M. Franco
Evaristo Fortuna.....	A. Ferreira
Benigno Garcia.....	Furtado
Gaspar Mimoso.....	Alves
Alfredo.....	Lima

Na mesma noite representa-se pela primeira vez a comedia em 1 acto, *Eleitos*, original do sr. Tavares de Mello.

A distribuição dos papeis é a seguinte:

O Visconde.....	Annibal
Camilo.....	Sarmento
Cyriilo Lopes.....	Alves
D. José.....	A. Ferreira
A Viscondessa.....	Sophia Santos

Principe Real. — Neste popular theatro realisa-se na noite de 21 a *reprise* da *Maria da Fonte*, peça em 4 actos, original dos srs. Henrique Veron e Xavier Nogueira.

A distribuição dos papeis é a seguinte:

Jorge de Souza.....	Pato Moniz
Carlos.....	Baptista.
Pedro.....	Luciano.
Manuel.....	Roldão.
Padre João.....	Soares.
Antonio Rodrigues.....	Ferreira.
Um cego andante.....	Machado.
Fagulla.....	Adelina Ruas
Magdalena.....	Elvira Costa.
Anninhas.....	Julia Assumpção.
Rosa.....	Maria das Dóras.
Maria.....	Rosa de Oliveira.
Um moço de cego.....	Rosado.
Um popular.....	Peisoto.

Além da *Maria da Fonte* representar-se-hão até ao dia 1 de dezembro as seguintes peças: *Galeria*, *Diogo Alves* e *29 ou Honra e Gloria*.

Rato. — Até ao dia 1 poucos espectaculos haverá neste theatro. Apenas as ultimas representações das engracadas peças *Liboa* na *Pandega*, *Dragões de Chaves* e *Grande Avenida*.

Para o dia 1 de dezembro prepara a empresa um sensacional espectaculo, com a primeira representação do approposito *Portugal Independente*.

Continuum os ensaios da magica de grande espectaculo *As Proezas de Satanar*, original dos srs. Salles Baptista e Antonio Salles, que se representará pela primeira vez na noite de 7 de dezembro, em recita extraordinaria, promovida por uma commissão, em homenagem ao sr. João Henrique Barata, director-gerente do theatro.

As *Proezas de Satanar* tem 3 actos e 10 quadros. Todo o scenario é novo e pintado pelo notavel scenographo Eduardo Reis.

Colyseu dos Recreios. — Continuum as estreas, e todas as noites as enchentes. Noutro logar nos referimos largamente ás estreas que se realisarão na quinzena passada. Até ao dia 1 preparam-se surpresas que hão de causar sensação.

Real Colyseu. — Continua a sua carreira gloriosa, a celebre musica de Baptista Machado, *O Cavalleiro da Rocha Vermelha*, que já vai na 16.ª representação.

A peça que está posta com todo o brilhantismo e gosto, tem attrahido ali todas as noites, grandes enchentes. Não se fartam de a applaudir.

A parte musical, sob a regencia superior do maestro Calderon, tambem tem um brilhantissimo desempenho.

Para muito breve annuncia-se a operetta *A Reviravolta*.



Hortos e jardins

Já o outono começou de estender pelos hortos e jardins a sua encantadora melancolia; já plantas e arbustos nos oferecem como adeus de despedida aos bellos dias as suas derradeiras flores; já as folhas amarellecidas se desprendem das hastes e caem uma a uma por cima dos lírios que se inclinam, das verbenas que empalidecem, das rosas que se fanam e das espáreas que expiram. Impelidas pelo vento, essas flores caem moribundas por sobre as corollas fecundas dos malmequeres da secca e por sobre as petalas polychromas dos tremidos *crysanthemos*.

Como nos campos e nos bosques, está o jardim prestes a depor a sua coroa brilhante e perfumada, que só tornará a conquistar na proxima primavera.

E para então ver-se-á essa eterna coroa ao longo das alamedas e dos massivos de verdura novamente recamada da esplendida pedraria que lhe ha de conceder o prodigio sol de maio.

Ao contemplar em novembro os canteiros que vão perdendo as suas flores, ha como um desejo de approximar os mezes decorridos e confundir as estações, para assim resuscitar n'um todo imaginario a triplice florescencia do outono, da primavera e do estio.

E então desenrola-se aos nossos olhos uma inequalavel miragem em que tudo é brilho e perfume, em que tudo é porpura, neve, azul, vermelho, setim, roxos pennachos, justillos scintillantes, néctros collares, aureos diademas, tunicas mosqueadas, calices odoriferos, espigas violaceas, estrellas argentinas, corollas magnificas garbadas espheras, rubidas cristas, cachos delicados, grinaldas flexiveis, discos elegantes, balsamicos ramuculos, tunicas glaucos ou lilazes, taças de ouro, campanulas de prata, uma catadupa emfim de perolas, coraes, amethystas, esmeraldas, saphiras, topazios, brilhantes e rubis!...

E cada uma d'essas flores tem a sua historia, a sua lenda, o seu brasão, o seu emblema, a sua lingua, os seus caprichos, os seus amores, o seu prestigio, a sua alma.

Depois das flores que guarnecem os jardins, os providos legumes que medram nas hortas e fazem pensar nos finos molhos, que tambem, como os fructos e as flores, tem perfume e belleza.

Vejam-se, por exemplo, a escorioneira ou serfesa, com a sua pluma; a escurela, com a sua coroa; a chicoria, com as suas folhas encrespadas como os aneis do cabelo n'uma creança; a couve flor, com a cor de uma creoulas; as ervilhas, ostentando flores na sua boteira; as aboboras rainhas, vaidosas po seu turbante; as favas; com o seu crescente; e chega-se a desejar ser insecto para se saciar voluptuosamente no amago das viscosissimas alfices.

Aqui as cenouras, de folhas rendilhadas; o cerefolo, de cheiro penetrante; o nipo, que dea pender as suas hastes em festões; o rabanete, vermelho como faces de creança; os feijões trepadores, carregados de flores roseas ou brancas, que depois se transformam em vagens graciosas, quando frescas semelhantes a meias luis verdes e quando maduras semelhantes a meias luis de ouro.

Alli, finalmente, a alcachofra, de farta pluma violeta, gostosissima com um molho á provençal; o incomparavel espargo, que inclina graciosamente o seu fino e azulado cone tão appetitoso com um molho branco!... os pintentos, mais verdes que um lagarto ou mais vermelhos que uma lagosta; as verdes couves, defendendo os olhos tenros e macios com as suas encrespadas folhas; os nabos, que occultam nas camadas de uma terra fecundante a neve do seu bolbo delicioso; os melões, defendidos pela sua espessa

casca, que lembra um capacete de romano; os albos francezes, erguendo-se como clavos de marfim; as borragens, violaceas como as melias de um bispo; a abobora amarella, que partida em talhadas, nos dá a illusão de barras de ouro!...

Gosto de ver n'um horto os legumes entremeados com as flores; o setim dos lírios a distinguir-se da esmeralda das alfices, do velludo das groselheiras e do ouro deslumbrante dos goivos; os rubidos rabanetes a ressaltarem do amago das aboboras; os acfardados hellanthos a sobrebresharem da folhagem verde das couves, arredondadas em largo cabeceio; e os cocinhos fructos do tomateiro, avidos de sabroso *gratin*, a destacarem-se da pallida cor das malvas e da alfazema.

Depois dos legumes e das flores, os arbustos garridos e as arvores fructiferas do horto arrepentearem em graciosos arabescos ao longo das espaldeiras, com os seus perfis elegantes e caprichosos, contornados em espiraes, vazados em calices, arredondados em cupulas, conforme o capricho e a inspiração do horticultor, a um tempo pintor, architecto e escultor d'esses providos torções.

E' o pequeiro, que veiu da Persia, a pereira, oriunda da Syria, a amendoeira e a romeira do norte da Africa, o damasqueiro de Damasco, a maceiteira e a figueira do Oriente, a amoreira e a laranjeira da China, a vinha da Grecia, a groselheira de Hespanha, a cerejeira que Lucullo trouxe das cercanias de Cerasote—arvores diversas e abençoadas que confundem os seus ramos acimados, encantam os olhos do homem, dão-lhe sombra e lhe deixam cair na mão um fructo delicado.

Arvores, legumes e flores, cada planta representa para nos uma data e um nome, um paiz, um aproveitamento, um progresso; contos-nos a sua procedencia, a sua historia, a sua graciosa lenda, a sua conquista benefica e disputada que custou ao homem não sei quantos seculos de pesquisas e de vigiãas, de cuidados, de esforços, de paciencia!

A um canto do jardim, exposta ao sol, ergue-se a estufa, verdadeiro santuario de plantas exoticas e flores raras.

Ahi, o verão e o inverno, a primavera em dezembro, o Meio dia no Norte, os tropicos ou o equador na Europa. São plantas aristocraticas e flores tituladas, vindas das terras do Sol, das praias perfumadas do Pacifico, das ilhas longinquas, das costas oceanicas ou do oceano indico; plantas bellas e primorosas que de bom grado compararia ás formosuras estrangeiras que frequentam os nossos salões.

Ahi, em poucos passos, faz-se uma viagem á roda do mundo. Os tropicos engrandim os verdes cançados; o Oriente illumina as laivas de flores esplendidas; o Equador alça-se soberbo e fulgurante por detrás d'esse conjunto maravilhoso embandorado por uma palmeira de Java.

Os leves bambus lembram a China; os *chrysanthemos* e as camelias, o Japão; os fetos arbores, a Australia; as *agavillas* orchidaceas, a America; as mimosas, a Africa; as plantas phantasticas, a India.

E para completar o quadro, n'essa estufa, verdadeiro laboratorio de verdura e de tepidos perfumes de uma primavera eterna, vê-se meditativo e curvado o horticultor, sciente e paciente, em ampliar a obra da natureza, educa, desenvolve, aperfeicoa, vulgariza, até dotar a humanidade com um legume appetecivel, uma arvore preciosa, um novo fructo ou uma rara flor de gracilissimo aspecto.

Os povos mais civilizados estão tão visinhos da barbaria como o ferro mais polido da ferrugem. Os povos, como os metaes, só tem de brilhante as superficies.

Rivarol.

CURIOSIDADES

As lencuças populares

Na Prussia occidental, e em caílo popular, a palavra «monarcha» quer dizer picaro, tratante, ladrão de estrada, etc. Uma vez em um quartel de Dantzig travou-se viva altercação entre um official inferior e um guarda, que, entre outras cousas, lhe disse que era «monarcha», o que o offeendeu profundamente. Nesta occasião passou um official superior, que tomou conhecimento do facto, e deu parte do guarda.

Este foi logo preso e processado por crime de lesa-majestade. Na audiencia e a requerimento do advogado do réo, o presidente do tribunal interrogou varias testemunhas, que unanimemente attestaram que na Prussia occidental o termo «monarcha» significa vagabundo, ladrão de estrada, etc. Não obstante os esforços do Ministerio Publico, que persistiu em pedir a pena de um anno de prisão, o tribunal absolueu o guarda e mandou o em paz.

Provou-se que apenas offendera o seu contendor, e não a pessoa do imperador. E mal pensava elle, quando se serviu d'esse termo, que o tomariam por um republicano terrivel e seria processado por crime de lesa-majestade!

A barateza da vida

Qual é o paiz do mundo em que a vida é mais barata?

Um estatístico inglez diz que é Portugal, onde a media da subsistencia annual por habitante não passa de 366.000 da nossa moeda corrente. Em outros paizes as medias são as seguintes: Alemanha 656.000. Canada 750.000. França 781.000. Inglaterra de 653.000 a 1.066.000, Nova Galles do Sul 1.181.000.

A primeira idea que acode ao espirito á vista d'esses algorismos, diz a *Lecture pour Tous*, de que extrahimos esta noticia, é evidentemente para invejar a sorte dos felizes portuguezes que passam em paiz esplendido a vida mais economica do mundo.

O estatístico, porém, a que nos reportamos, quiz tambem saber qual o esforço preciso quantitativamente a cada habitante da terra, para ter o pão de cada dia, afim de continuar no outro dia a «lucta pela vida». Fez elle estas observações:

A um portuguez são precisos 177 dias de trabalho para ganhar os 366.000 precisos á sua alimentação; a um allemão 1.48 dias de trabalho bastam para ganhar os seus 655.000, a um francez 133 para a sua quota, a um inglez 117 dias, e um cidadão da Nova Galles do Sul 100 dias.

Assim, esta segunda estatística é de effeito inverso ao da primeira.

Entretanto, por maior respeito que inspire á estatística do sábio inglez, parece-nos arriscado passar um individuo a estabelecer-se na Nova Galles do Sul, para o fim de, dispendendo tres vezes mais dinheiro do que em Portugal, só precisar trabalhar um terço de tempo para ganhar o



O espiritismo, como sabem, está de novo em grande voga.

Um sujeito conta a um amigo as suas impressões de um seculo espiritista:

—Interessantissimo!... Evocamos o espirito do pobre Antonio, lembra-te? qui morreu o anno passado...

—Aquelle rapaz que não tinha um real de seu e que viveu sempre como um principe...

—Exactamente!

—E como sobsteu que era elle?

—Ora! Pediu-me logo duas libras emprestadas...



PROVAE OS

DELICIOSOS

VINHOS

DO

PORTO

DE

CONSTANTINO

DE

ALMEIDA



Caixa Postal
290

UNIÃO PARAENSE

Ender. teleg.
UNIÃO

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

Séde: Pará — BRASIL — T. da Industria, 13

DIRECTORIA

Presidente — Bernardo Ferreira de Oliveira
Vice-presidente — José Marques Braga
Secretario — Constantino Quadros de Carvalho
Thesoureiro — Manuel Elpidio d'Andrade
Medico — Dr. Luciano Castro

GERENTE

FRANCISCO COUTINHO JUNIOR

ADVOGADO

DR. FILIPPE JOSÉ DE LIMA



CESAR A. PAIVA
Cirurgião dentista
de Suas Magestades e Altezas

Consultorio
R. do Arsenal, 100, 1.º
LISBOA

Empresa Nacional de Navegação

Carrisa quinzenal para a Costa d'África Occidental

Sabidas a 6 e 21 de cada mez, tocando nos seguintes portos:

Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Anbrizete, Ambriz, Loanda, Nova Redonda, Benguela, Mossamedes, Porto Alexandre e Bahía dos Tigres.

N. B. — Os paquetes que sahem a 6 não fazem escala por Santo Antonio do Zaire, Anbrizete, Bahía dos Tigres e Porto Alexandre, e os do dia 21 por Madeira, S. Vicente e Principe.

Rua da Prata, 9, 1.º

Nova sapataria da moda

Vicior Gomes & Pedroso

Premiados na Exposição de Paris de 1889



MANUFACTURA DE CALÇADO
EM TODOS OS GÊNEROS

Expositão para o Reino, Africa e Brasil

Depozito geral — 100 R. Augusta, 100
61, R. S. Nicolau, 68



OFFICINA E ESCRITÓRIO:
47, Rua de S. Nicolau, 49

DEPOSITO DO PORTO:
231, R. de S. da Bandeira, 333

REPRESENTANTE NO PARÁ:
1.º Almeida Pedroso, Caixa postal 314

VARÇA REGISTRADA

Soares Irmão & C.ª

FILIAL
8 Barbacena, Diamantina

Caixa postal n.º 49
Ender. teleg. HAVANEZA
Vendas a Varejo
MANAOS

Importação directa de todas as praças

Matriz
CASA HAVANEZA
Rua da Immaculada, 7
Vendas por grosso

Permanente deposito de charutos, cigarros e fumos de todas as procedencias.

Piteiras, bolsas para fumo, e outros artigos para fumantes. Miudezas.

Completo sortido em artigos para homens e em objectos para viagem. Especialistas em roupa branca portugueza. Perfumarias.

SOCIÉDAD FONOGRÁFICA ESPAÑOLA

HUGENS Y ACOSTA

Barquillo 3 Duplicado

MADRID

Aparelhos phonographicos de todas as classes.
Casa especial para Phonogrammas Artisticos, considerados como superiores a todos os que se produzem no mundo.

Sejam cilindros impressos pelos melhores artistas conhecidos de Opera, Zarzuela, Canto Flamenco, etc.

BANDA MILITAR DOS ENGENHEIROS DE MADRID

Grandes descontos nas vendas por junto.

PEDIR OS CATALOGOS

Especialidade em chapéus

PARA
SENHORAS E CRIANÇAS

Estevão Chrysostomo

Completo Sortimento de Artigos para Chapéus

100 - RUA DO CARMO - 108
LISBOA

Almanach do "Brasil-Portugal,"

A SAHIR NO FIM DO ANNO

Recebem-se annuncios

SANTOS & MAGALHÃES

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

ARTIGOS DE ESCRITÓRIO

Trabalhos typographicos em todos os generos

OFFICINA A VAPOR
10 - RUA DA PRATA - 12
LISBOA



MANOEL CANICEIRO DA COSTA
 CARPINTERIA E SERRARIA A VAPOR
O mais antigo estabelecimento do norte do Brazil
 Foi fundado em 1870

Promptidão, rapidez e modicidade de preços

Grande Deposito De materiais para construção civil e naval

RUA DA INDUSTRIA, 124 - PARÁ

Endereço telegraphico - CANICEIRO

Caixa postal - N.º 813

Vinho VENTURA

O vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

PARA

Montenegro Ferreira & C.ª

Sucessores da antiga casa

RICARDO JOSÉ DA CRUZ & C.ª

Fundada em 1820, e que tem a sua sede no

PARÁ, Boulevard da Republica, 44

FILIAL EM MANÁOS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

Só os vinhedos do Alto Douro produzem a uva abençoada de que se extrae o **Vinho Ventura**, o unico que, com vantagem incontestavel, se applica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatismo, nas convalescencias, nas digestões difficil, enfraquecimentos, etc.

Como tónico está hoje reconhecida a efficacia do

Vinho VENTURA

CASA AVIADORA

Commissões e Consignações

AO PALAIS ROYAL

JOIAS

GRANDE BAZAR

MACHINAS DE COSTURA

Variedade de pedras preciosas desde o brilhante de pura agua á mais modesta amethysta.

Phantasias em adreços e em obras de siro

A. PINTO DA CUNHA

CAIXA POSTAL, 124

Rua Conselheiro João Alfredo, 91 - PARÁ

LA BÉCARRE

F. CARNEIRO & C.ª

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertencos de escriptorio. Objectos artisticos para brindos. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova do Almada, 47 e 49 - LISBOA.

Bobina central



Em machina de costura é o que ha de mais maravilhoso.

É propriedade exclusiva da importante e acreditada Companhia Fabril Singer.

A machina BOBINA CENTRAL reune as grandes qualidades essenciais de velocidade, duracao, formosura, perfeição e firmeza de ponto.

A PRESTAÇÕES E A DINHEIRO

105, Praça do Loreto, 107 - LISBOA

Largo do Condé Barão, 36 - Calçada da Graça, 10

111, Rua da Janqueira, 111

Restaurant COELHO

— Largo de Santa Anna —

PARÁ

Proprietario — J. F. Vieira de Magalhães

O mais importante estabelecimento do Norte do Brazil. Serviço de primeira ordem, a toda a hora, dia e noite. Hotel no 1.º andar. Aposentos arejados. Preços modicos. Tratamento sem igual. Casa sempre apta a fornecer banquetes.

A CONFIANÇA

Companhia de Seguros, marítimos e terrestres

Capital 1.000:000\$000

DIRECTORIA

José Marques Braga — João Fernandes Costeira
José Joaquim Lopes de Sousa

RUA 15 DE NOVEMBRO

PARÁ

Banco de Belem do Pará

RUA 15 DE NOVEMBRO

DIRECTORIA

José Marques Braga — José Taveira Lobato — Joaquim Samuel Gomes de Freitas —
José Augusto Corrêa — José Leite Chermont

CAPITAL 3.000:000\$000 RÉIS

Este Banco sacca e emitta cartas de credito sobre todas as cidades e villas de Portugal, Hespanha e Italia, sobre Paris, Londres e New-York, e bem assim sobre o Rio de Janeiro, Ceará e Maranhão.

Elixir Anti-Epidermico Beirão

Approvado pela Inspectoria de Hygiene
do PARÁ

Preservativo e curativo da febre amarella,
cholera, febres intermittentes, bexigas, typho,
dysenteria, bérberi e influenza

Nenhum viajante e todos os que comprehenderem a necessidade da conservação da saúde pelos meios hygienicos, e antisepticos devem internar-se nas florestas ou percorrer as regiões inexploradas em grande parte miasmaticas, sem munir-se de alguns vidrinhos, do **Elixir anti-epidermico Beirão**, é a mais segura garantia da conservação da vida e da saúde: levam consigo a certeza de regressarem milagrosamente salvos ao seio da familia, o que infelizmente não acontece a centenas de imprudentes que não tomam esta acertada e simples medida preventiva. As pessoas adultas que no estado de boa saúde tomarem todas as manhãs e todas as noites uma colher de sopa do **Elixir anti-epidermico Beirão** estão isentas das graves molestias endemicas produzidas pelos fermentos miasmaticos, e particularmente das febres intermittentes, febre amarella, bexigas, cholera asiatico, vomito preto, typho dysenteria, pustula maligna, escarlatina, croup, bérberi e influenza.

Indispensavel aos recém-chegados, depois

DROGARIA BEIRÃO

DE
CARVALHO LEITE & C.

103, Rua do Conselheiro João Alfredo, 103—PARÁ

Livraria moderna PEREIRA & SILVA
PARÁ — R. Cons.º João Alfredo, 33
Leitura amena

Sortimento completo de livros de
litteratura, direito, instrucção, etc.

PERTENCEN DE ESCRITORIO

Preços sem competencia
Endereço telegraphico Moderna.



Coimbra & C.
FABRICANTES DE CALÇADO

Fornecedores da Casa Real
e dos principaes casas de paez

EXPORTADORES para a AFRICA E BRASIL

Grande sortimento de calçado de
toda a especie para senhoras

Lozanos e estancias nas FILIAES:

Rua do Principe, 124 — Rua Nova do Carmo, 94

Officinas — R. de Jardim do Regedor, 33 a 42 — LISBOA

Atelier-Photo-Chimico-Graphico

P. MARINHO & C. — Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO 823

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photographias. Os preços mais baratos de
paz em todos os trabalhos.

Execução perfeita.



AGUA CARBO GAZOSA

DAS

LOMBADAS

S. Miguel (Açores)

A RAINHA DAS AGUAS DE MESA

LEVE, ESTOMACAL, DIGESTIVA

A mais pura e mais barata, garrafas e rolnhas esterilizadas.
Pedir taboellas de preços e condições de venda a Meyrell
& C., fornecedores da Casa Real Portuguesa, e de S. A. S. o Príncipe
Reinante de Monaco.

174, RUA DO ARCO BANDEIRA, 178

LISBOA

RESTAURANTE AMERICANO

P. C. DE VASCONCELLOS

J. DE S. MATHEUS, 24—PARÁ

Serviço de primeira ordem. Accommodações luxuosas para viajantes.
Acozio extremo. Illuminação electrica.

TODOS OS CONFORTOS

COMPANHIA

DE

Mossamedes

Sociedade anonima

Capital Rs. 2.475.000\$000

Ações de 43500 réis

sedes social em Lisboa

99, Rua de S. Julião

Comitê da Direcção:

4, Rue Le Palelier, Paris

Administrador delegado

Antonio Julio Machado



VINHOS

PORTO, MADEIRA, ETC.

Das mais afamadas colheitas

CLARETE WESCESLAU

(Especialidade da casa)

Vinhos de meza desde 90 réis a garrafa

ANALYSES GARANTIDAS

ANTONIO JULIO MACHADO

Fornecedor particular de Sua Magestade El-Rei

UNICO DEPOSITO EM LISBOA

20—Praça Luiz de Camões—20

Telephone 907

COMPANHIA

S. Vicente de Cabo Verde

Sociedade anonima

Capital Rs. 342.000\$000

em

Ações de 43500 réis cada uma

sedes social: Lisboa

12, Largo de S. Julião

Comitê de Direcção em Londres

4 Fenchurch Avenue

Grande deposito de carvão em S. Vicente de Cabo Verde, das minas adjacentes.

— A maior rapidez no embarque.

Endereços telegraphicos:

Cabo Verde—Mindello, Lisboa,

a. b. c. Scotta—Mindello, Londres,

and Wankam—Mindello, S. Vicente,

Administrador delegado

Antonio Julio Machado

Casa Fundada em 1886

JOSÉ MENDES LEITE & C^a

DEPÓSITO DE INSTRUMENTOS DE MÚSICA

18, Rua 15 de Novembro, 18



Instrumentos de Musica

ou

Accessorio para os mesmos
NO GENERO

UNICA CASA DE CONFIANÇA

Especialidade
em cordas para violão,
rubecas e violas

Endereço telegraphico

attendes

Caixa no correio

N.º 455



Registrada por despacho da Meritissima Junta Commercial de 6 de Maio de 1897 sob o n.º 10.



Este estabelecimento, que é, no seu genero, o primeiro de todo o Estado do Pará e do Norte do Brasil, importa directamente todos os instrumentos de musica, de metal e de madeira, e encarga-se de quaesquer encomendas.

O seu proprietario, José Mendes Leite, garante a qualidade, a solidez, perfeição e afinação normal de todos os instrumentos. Dirigir todos os pedidos a

José Mendes Leite & C.^a

Rua 15 de Novembro, n.º 18

PARÁ

ESCOLA ACADEMICA

Instituida em outubro de 1847

FUNDADOR

Antonio Florencio dos Santos

Director e Proprietario

Jayme Mauperrin Santos

Bacharel formado em Philoſophia e Medicina
pela Universidade de Coimbra;

Leute do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa
Medico dos Hospitales Civis

Inspector dos Estudos

Antonio Dias de Sousa e Silva

Bacharel formado em Philoſophia, com o curso
de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra
Curso Theologico no Seminario de Vizeu
e Professor de Mathematica da Escola Academica
desde 1871

Ensinam-se n'esta Escola instrucção primaria, instrucção secundaria, periodo transitorio e curso geral dos lyceus, conforme o Regulamento de 14 de agosto de 1895, havendo além d'isso um curso commercial essencialmente pratico e completamente independente do curso geral dos lyceus.

As disciplinas que constituem este curso e que são leccionadas em classes especies e por professores especies são as seguintes e distribuidas em 4 annos:

CURSO COMMERCIAL

PRIMEIRO ANNO

Portuguez.
Francoz (aula diaria).
Inglez (aula diaria).
Allemão (aula diaria).
Arithmetica e calculo commercial.
Calligraphia.
Pratica de escriptorio.

SEGUNDO ANNO

Portuguez.
Francoz (aula diaria).
Inglez (aula diaria).
Allemão (aula diaria).
Arithmetica e calculo commercial.
Geographia geral.
Calligraphia.
Pratica d'escriptorio (aula diaria).

TERCEIRO ANNO

Francoz.
Inglez.
Allemão.
Arithmetica e calculo commercial
(aula diaria).
Historia geral.
Geographia commercial.
Physica e chimica elemental.
Historia natural elemental.
Calligraphia.
Pratica d'escriptorio.

QUARTO ANNO

Francoz. Exercicios de redacção e
Inglez. Exercicios de redacção e
Allemão. Exercicios de redacção e
Contabilidade geral e escripturação
commercial.
Matérias primas e especies commer-
cials.
Elementos de economia politica, in-
dustria commercial e manufactura.
Pratica de operações commerciaes.

Nos tres primeiros annos ha em todas as aulas das linguas franceza, ingleza e allemã, exercicios de conversação regularmente distribuidos por toda a semana.

No quarto anno o horario está disposto de modo que as aulas theoreticas são dadas até ao meio dia, sendo a pratica das operações commerciaes das 7 ás 9 horas da noite. D'esta forma os alumnos do quarto anno já poderão empregar-se.

A aula da pratica das operações commerciaes, completa novidade entre nós, são admittidas pessoas extranhas ao curso que queiram desembaraçar-se n'estes trabalhos commerciaes.

Aos alumnos que frequentarem este curso com distincção e aproveitamento, ser-lhes-ha passado pela Escola um certificado de curso.

Os horarios e mais disposições relativas a todos os cursos, estão patentes no vestibulo da Escola e enviam-se pelo correio a quem os requisitar.

A matricula está desde já aberta na Secretaria.

Lisboa e Secretaria da Escola Academica, 1 de Setembro de 1898.

O DIRECTOR

Mauperrin Santos.

DUARTE & C.^a

Representantes de Rocha Silva & C.^a

DO

PARÁ

ARMAZEM DE ESTIVAS NACIONALES E ESTRANGEIRAS. — ESPECIALIDADE EM POLYDORA E TABACOS. — COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Rua Marechal Deodoro, 5 — MANAOS

Casa Brasileira

DE

F. A. ROCHA NEVES

Fazendas, modas e confeccões.
Meias, espartilhos, mantilhas, rendas,
e fitas. Enxovas para noivas. Grande
sortimento de fatos para creança, em
todos os generos. Preços resumidos.

277, RUA AUGUSTA, 279

Consultorio Dentario

Doenças de bocca
e dentes

60, 2.^o — Rua de Santa Justa — 60, 2.^o
Consulta gratis aos pobres das 10 ás 11 da manhã

Saturio Augusto Paiva

Cirurgião dentista

PELA ESCOLA DE PARIS

CONSULTAS

Das 8 da manhã
às 6 da tarde

JOAQUIM CEZAR PAIVA

Cirurgião-Dentista

Diplomado pela Escola Médico-Cirurgica de Lisboa

Especialista no tratamento de doenças de bocca e dos maxillares

Rua da Palma, 40, 1.^o

CONSULTAS

Gratis aos pobres
Das 11 ás 12

Photographia

FIDANZA

PARÁ

Rua Conselheiro João Alfredo, 22

O mais antigo e acreditado
estabelecimento do

Norte do Brasil

premiado nas exposições de
Paris e Chicago.

Nitidez, perfeição e arte

Armazen de fazendas e futo feito, por atacado e a retalho

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

J. NUNES CORRÊA & C.^a

FORNEDORES DA CASA REAL

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Juliao, 120, 102, 104 e 106 — LISBOA

Preparam-se com a maior rapidez, qualquer fornecimento e encomendas para exportação. Ateliê particular para confecção de uniformes. Ocasionalmente em todas as
modas e futas, participo de concursos e exposições.





Torre Malakoff

LA ROQUE & C.^a

RUA DO CONS.º JOÃO ALFREDO, 86

PARÁ



Especialidade em artigos para

viagem, moveis e miudezas

Banco Norte do Brasil

Estabelecimento telegraphico "NORTHER TELE" PARÁ - Telephone n.º 239

Capital realiado Réis 3.000:000\$000

Fundo de reserva Rs. 349:400\$550

Pará—R. 15 de Novembro, n.º 59

CORRESPONDENTES

NO PAIZ

*Rio de Janeiro
Bahia
Pernambuco
Ceará
Maranhão
Mandós*

NO ESTRANGEIRO

*Londres
Paris
Lisboa
Porto
Genova
New-York*

Emitte cartas de credito, e sacca sobre as praças acima e tambem sacca sobre Hamburgo e todas as cidades e villas importantes de Portugal, Hespanha e Italia.

Encarrega se de cobrança de letras e remessa do producto, assim como faz todos os mais negocios bancarios.



Fabrica Amazonia

Casa Importadora

PARÁ

R. 13 de Maio, 49

Ferreira Pinto & C.^a

GRANDE DEPOSITO

De cachaça, alcool, cognacs, refrigerantes, cidra, genêbra, vinhos de caji, genipapo, e hesperidina nacionaes.

Vinhos

De todas as procedencias—qualidades garantidas. Colares especial—importação directa.

Estabelecimento

De confiança—Preços sem competencia.

Caixa postal N.º 349

Ender. teleg. FERPIN

CERCLE COMMERCIAL Santos & Côrtes

Caixa postal n.º 159

O primeiro hotel de Manãos. Quartos luxuosos e com todas as condições hygienicas. SÓ SE ALUGAM a cavalheiros, ou a familias.

RESTAURANT

Unica casa no genero. Vinhos de todas as Provençias do mundo. Refeições a qualquer hora, dia e noite.

Serviço de banquetes

Cosinha apimorada.

O estabelecimento possui barbearia, casas de banhos e bilhares.

**RUA DA INSTALAÇÃO, 3
MANAOS**

Consultorio medico-homeopathico

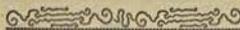
Do Dr. Cesario d'Abreu

RUA AUGUSTA, 224, 226, 228

LISBOA

Consulta medico-cirurgica e partos — 12 ás 3 h., 9 ás 10 m., dr. Arthur Braga.
Consulta medica, 3 ás 4 h. da L.; dr. Cesario d'Almeida.

Consulta gratuita a qualquer hora

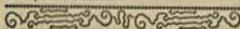


HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

7, Rua das Flores — Largo do Quintella

Bate hotel, situado na parte mais central da cidade, oferece todos os confortos de uma casa de primeira classe.



A Formosa Paraense



Estabelecimento de modas e miudezas, com

Importação

directa dos mercados europeus.

Fundado em 1864

Corrêa Miranda & C.ª

R. Conselheiro João Alfredo, 67

PARÁ

Vereinigte Chlunfabriken ZIMMER & C.º, Francfort S. M.

Equinina.—A acção therapeutica egual á do quinino nas febres, influenza, malaria, febre typhoide, coqueluche, nevralgias, etc., e como tónico a Equinina no não tem o azoto amarrado nem fadiga o estomago e apresenta uma acção muito menos accentuada no systema nervoso que a quinina.

Indicações:
von Noorden: Centralblatt für innere Medicin 1896, No. 48.
Overlach: Deutsche Medicinalzeitung 1897, No. 5.
Panegrossi: Gazzetta degli Ospedali e delle Cliniche 1897, No. 118.
Conti: Gazzetta degli Ospedali e delle Cliniche 1897, No. 136.
Friedrich: Orvosi Hetilap 1898, No. 11.
F. Plahn: Archiv für Schiffs- und Tropen Hygiene 1897, p. 408.
Dr. F. Suchomlin: Wochentliches Journal für praktische Medicin 1898, No. 16.
Dr. A. Fausser: Orvosi Hetilap 1898, N. 18.
Dr. K. M. Solon zeff: Botkinische Hospital-Zeitung 1898, 5. März.
Dr. Alexeeff, Dr. Kyssei, Professor Dr. Filatow: Journal de Clinique et de Therapeutiques infantiles 1898, No. 21.
Dr. A. Mori: Settima medicina dello Sperimentale 1898, No. 26.
Dr. G. Rondinini: Il Pratico 1898, No. 18.
Dr. K. Gontev: Wratsch 1898, No. 26.
Dr. S. Sappigni: Il Raccogliatore Medico di Forlì 1898, August.
Dr. Xaver Lewkiewicz: Wiener Klinische Wochenschrift 1898, No. 41.
Dr. Franz Niedermayr: Wiener Medizinischen Blätter 1898, No. 46.

Eunatrol.—Purgativo precioso contra os calculos biliares e outras doenças do fígado. Pode ser tomado durante mezes consecutivos sob a forma de *Pilulas d'Eunatrol*, sem provocar effeitos secundarios.

Indicações:
Blum: Der ärztliche Praktiker 1897, No. 3.
Validol.—Apresenta effeitos curativos notaveis na hysteria, na neurosthenia, nas affecções do estomago: n'este ultimo genero de doenças é applicado sobretudo á anorexia e ás nauseas (inclusive o corpo a bordo). Amostra, indicações, todos os outros detalhes ficam á disposição do publico.

Indicações:
Dr. Schwormsky: Therapeutische Monatshefte, Nov. 1897.
G. Scognamiglio: Giornale Internazionale di Medicina Pratica 1898, No. 4-5.

Peroles de quinino Zimmer.—Contendo sulfato de quinino ou outros saes de quinino em estado puro, sem nenhum intermedio. Estas peroles dissolvem se immediatamente no estomago e garantem assim effeito prompto e seguro.

Indicações:
von Noorden: Die Praxis 1896, No. 2.
Scognamiglio: Archivio Internazionale di Medicina e Chirurgia Fasc. XII, Dezembro, 1896.

OUTRAS ESPECIALIDADES
Quinina, Cocaina, Caffina, Extractos, Preparações de Iodo, Chancelada de Quinino Zimmer
Agente em Portugal
GERMANO A. FERREIRA — Rua dos Fanqueiros, 174 1.º — LISBOA

Telephone 290

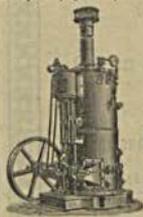
Telegrapho—Figari—Lisboa

COMPANHIA CENTRO AGRICOLA INDUSTRIAL

(FUNDADA EM 1870)

Exposição permanente de machinas agricolas e industriais, adubos, etc., etc.

17 a 31 — RUA DO ARCO DO BANDEIRA — 17 a 31



Encarrega-se do fornecimento de machinas e instrumentos agricolas, industriais, adubos chimicos, etc., etc., bem como da installação de fabricas de qualquer natureza.

Executa-se todos os trabalhos em madeiras, ferro e bronze, fundição, etc., etc.

NAS OFFICINAS DA

Companhia Centro Agricola Industrial
CASAS DO DAVID — POÇO DO BISPO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio — 27, RUA DO ARCO DO BANDEIRA, 27 — LISBOA

JOÃO BASTOS & C.ª

Commissões e consignações

Lisboa — Rua da Prata, 14, 1.º